

REVISTA

JOVENS CIENTISTAS

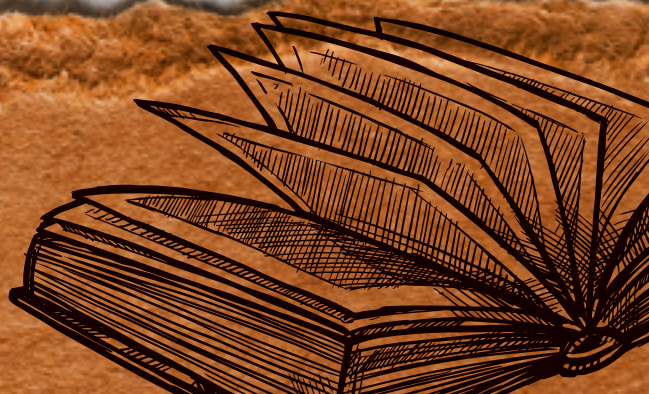
Programa Social de Educação Vocação e Divulgação Científica na Bahia, Instituto de Biologia - UFBA

Ano 10, n. 22, 31 de OUTUBRO de 2023

ISSN: 2318-9770



**Com os ARTIGOS
DOS TRABALHOS
APRESENTADOS NO
12º ENCONTRO DE
JOVENS CIENTISTAS!**



REVISTA JOVENS CIENTISTAS

Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica da Bahia

Universidade Federal da Bahia

Reitor: Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor: Penildon Silva Filho

Instituto de Biologia

Diretor: Francisco Kelmo dos Santos

Vice-Diretor: Gilberto Cafezeiro Bomfim

Data da Publicação:

outubro de 2023

Revista Jovens Cientistas

Esta é uma publicação trimestral do Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica da Bahia, Instituto de Biologia - UFBA

Coordenação:

Rejâne Maria Lira-da-Silva

Editora-chefe:

Rejâne Maria Lira-da-Silva

Direção de Redação:

Mariana Rodrigues Sebastião

Conselho Editorial:

Bárbara Rosemar Nascimento de Araújo,
Bruno Pamponet Silva Santos, Carine
João Carlos Ferreira Lima, Esther Verena
França, Jorge Lúcio Rodrigues das Dores,
Rafaela Santos Chaves, Rosely Cristina
Lira-da-Silva, Silvanir Pereira Souza,
Yukari Figueroa Mise.

Projeto Gráfico/Editoração:

Mariana Pimentel de Paula

Endereço:

Instituto de Biologia - Universidade
Federal da Bahia - Av. Barão de
Geremoabo - N. 147, Campus
Universitário de Ondina - Salvador -
Brasil, 40170-202
revistajovenscientistas@gmail.com

Apoio:

Programa de Pós-Graduação em
CNPq - Chamada CNPq/MCTI Nº
10/2021 - Feiras de Ciências e
Mostras Científicas

R348 Revista Jovens Cientistas/ Instituto de Biologia Faculdade Federal da Bahia. Ano.10,
n. 22, 31 out. 2023. Salvador, 2023.

v.: 42 p.

Anual

Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica da Bahia, Instituto de
Biologia - UFBA.

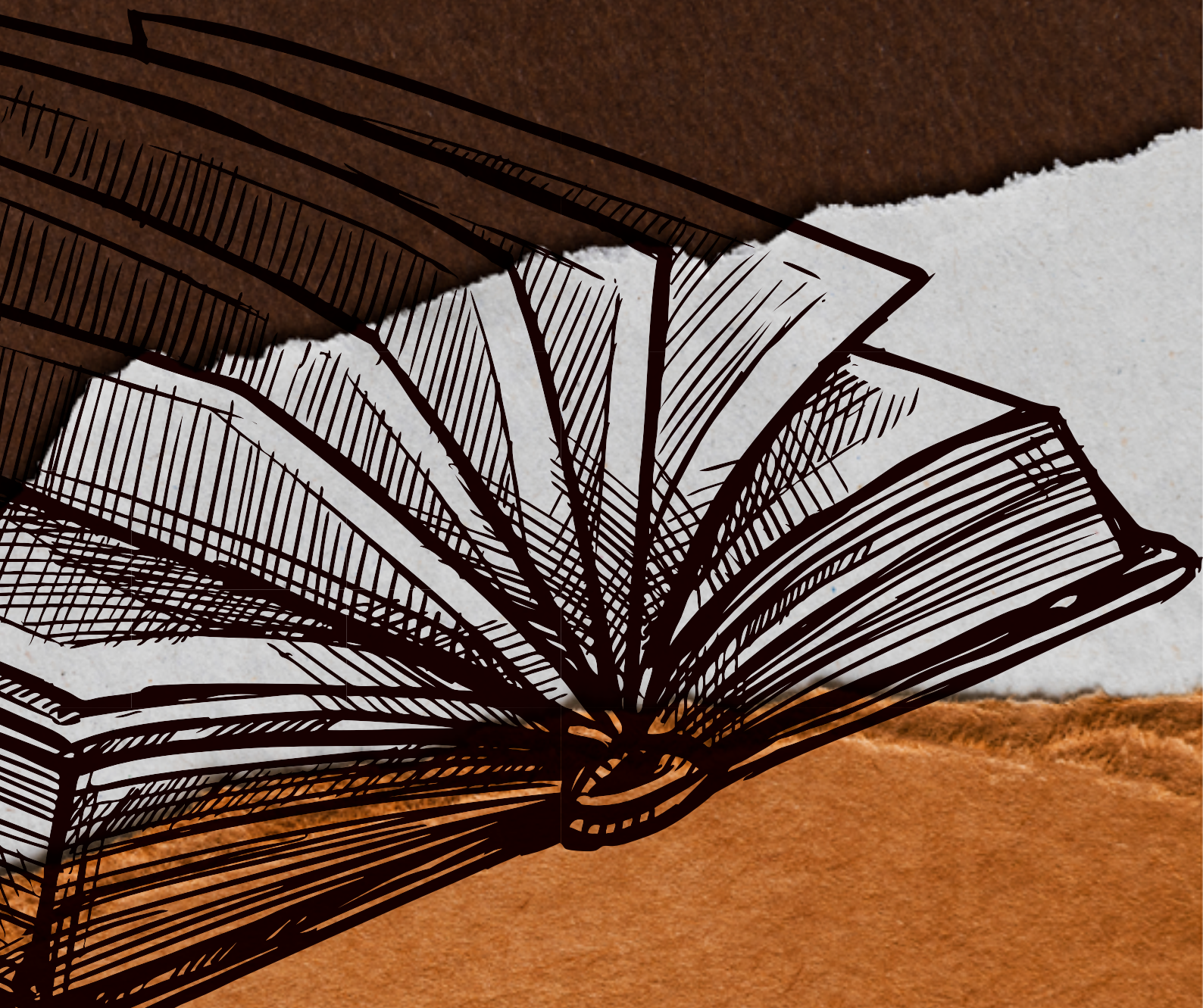
ISSN: 2318-9770

1. Ciência Ciência - jovens 2 Jovens cientistas I.
Universidade Federal da Bahia. Instituto de Biologia.

CDU 001(05)

SUMÁRIO

EDITORIAL	05
.....	
DETECTOR DE FUMAÇA INTELIGENTE 2.0 Bernardo de Freitas Pio, Danilo Barbosa Ribeiro, Gabriel Tannus Freitas Doria, Henrique Carvalho de Lemos Barreto, Maria Clara Gradin Costa, Maria Eduarda Bento Carqueija, Rafael Dantas do Vale	07
.....	
PROTÓTIPO COMO MODO DE PREVENÇÃO DA INALAÇÃO DE MONÓXIDO DE CARBONO POR PIZZAIOLOS Esther da Costa Gomes e Jorge Bugary Teles Junior	10
.....	
VAPE E JOVENS: UMA EQUAÇÃO QUE NÃO BATE Felipe Gildo Vilela Miranda Santos, Gabriela Cunha Elísio dos Santos	12
.....	
AS DIFERENTES FACES DO AUTISMO Sophia Souza Almeida de Santana e Márcio Lisboa Correia	16
.....	
OS NOVOS TRAPICHES: A SUBMORADIA NA SALVADOR CONTEMPORÂNEA Sávio da Silva de Souza, Luciana Santos de Oliveira, Edcassio Nivaldo Avelino	19
.....	
CAPITÃES DA AREIA: INFÂNCIA ABANDONADA E INVISIBILIZADA Maria Luísa Fonseca Vilar, Luciana Santos Oliveira e Edcassio Nivaldo Avelino	21
.....	
EXPERIMENTAÇÃO DA TRÍADE: ALUNO-ESCOLA-RESPONSÁVEIS COMO VETOR PARA O SUCESSO ACADÊMICO DO DISCENTE DO ENSINO MÉDIO REGULAR Isabela Silva Menezes Santos; Vilmar do Nascimento Rocha; Yanca Maria Moreira Araújo	24
.....	
A INCIDÊNCIA DA DESIGUALDADE SOCIAL DE GÊNERO E OS IMPACTOS NO ACESSO À SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL Maria Clara Santana de Souza e Camilla Hetenhausen	27
.....	
SEGREGAÇÃO E RACISMO NUMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA: UMA ANÁLISE DA SÉRIE “TODO MUNDO ODEIA O CHRIS” Cezar Augusto Fonseca dos Santos Carvalho; Felipe Juan Azevedo da Paixão	30
.....	
O PROCESSO DE FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NO BRASIL E SUAS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS Gabriel Jones Marques e Jorge Bugary Teles Junior	33
.....	
LIGAÇÃO CÉREBRO-INTESTINO: POR QUE O INTESTINO É CONSIDERADO NOSSO SEGUNDO CÉREBRO? Luna Rombesso Barbosa, Victoria Schuina Santiago e Priscila Bono Pagliuca Rodrigues	36
.....	



EDITORIAL

Queridos e queridas leitores e leitoras da Revista Jovens Cientistas,

Estamos em reconstrução. Sobrevivemos a 2020/2021/2022/2023 e a Educação, a Ciência, a Tecnologia, a Inovação e a Saúde resistem! Nós somos a resistência, mesmo procurando superar uma crise sem precedentes na história do nosso país e em meio a uma pandemia como a da Covid-19 e guerras.

Temos o prazer de dar as boas-vindas, em Salvador da Bahia, a todos os participantes do Encontro de Jovens Cientistas (EJC) de 2023, totalmente presencial, que esse ano está na sua décima terceira edição.

Este ano, comemoramos o lançamento deste número da Revista Jovens Cientistas, com onze artigos de trabalhos apresentados em 2022 no 12º Encontro de Jovens Cientistas, com temas atuais, instigantes e desafiadores: Tecnologia, Saúde, Literatura, Educação, Gênero e Racismo. São 4 artigos na sessão FIQUE SABENDO!; 3 na sessão TRABALHANDO COM A CIÊNCIA; 2 na sessão EXPERIMENTE! 1 na sessão CONVERSA DE CIENTISTA; e 1 em DR. BERINJELA EXPLICA.

Cada Revista representa um degrau que conquistamos em direção a um sonho que virou realidade: incentivar jovens cientistas, seja da educação básica ou do ensino superior, a criar o gosto por comunicar suas pesquisas para o público em geral e incentivar esse mesmo público, especialmente jovens, a ler sobre ciências.

Essa é uma publicação que nasce de uma iniciativa de Educação Científica Intercultural, mas também Social, Educativa e Cidadã.

Aproveitem a leitura!

Profa. Dra. Rejâne M. Lira-da-Silva

Diretora-chefe da Revista Jovens Cientistas



DETECTOR DE FUMAÇA INTELIGENTE 2.0

Bernardo de Freitas Pio, Danilo Barbosa Ribeiro, Gabriel Tannus Freitas Doria, Henrique Carvalho de Lemos Barreto, Maria Clara Gradin Costa, Maria Eduarda Bento Carqueija, Rafael Dantas do Vale | Colégio Anglo-Brasileiro | bernardopio@anglobra.com.br, danilo@anglobra.com.br, gabrieldoria@anglobra.com.br, henriquebarreto@anglobra.com.br, mariacosta@anglobra.com.br, mariacarqueija@anglobra.com.br, rafaelvale@anglobra.com.br

Quando o assunto é fogo, surgem inúmeras preocupações, mas quando se trata de incêndio, a preocupação é ainda maior. Anualmente, milhares de pessoas perecem por conta desses incêndios, sejam em residências ou imóveis comerciais. De 2020 até 2022, o número de ocorrências aumentou significativamente por conta do Sars-Cov 2 (BBC, 2020), vírus que fez com que bilhões de pessoas permanecessem em suas residências. Com isso, muita gente passou a ficar mais tempo em casa, e, consequentemente, a usar mais suas cozinhas, onde o uso do fogo é uma constante. No primeiro semestre do ano de 2020, as ocorrências de incêndio passaram da marca de três mil (GRUPO FBN, 2021). Um exemplo que ganhou destaque na mídia foi o incêndio que ocorreu no Hospital Federal de Bonsucesso, no Rio de Janeiro, onde sete pacientes perderam suas vidas (VEJA, 2020).

Preocupados com esta questão, que envolve o bem mais precioso que há, a vida humana, desenvolvemos um projeto que consiste

em um sistema composto por um aplicativo, um dispositivo de notificação e, por fim, um Detector de Fumaça Inteligente 2.0, que é um equipamento para alerta de incêndios. Seu maior diferencial é a sua câmara térmica e a conexão wi-fi, que permite, via aplicativo, conectá-lo ao smartphone do usuário e ao dispositivo de notificação, que pode ser instalado em qualquer ambiente do imóvel.

Todos os detectores existentes funcionam da seguinte forma: nas duas extremidades do equipamento existem placas metálicas que são energizadas. O ar (oxigênio e gás carbônico) que circula pelo ambiente passa pelas frestas do dispositivo. Quando o monóxido

de carbono (presente na fumaça) penetra a câmara do equipamento, interrompe a corrente elétrica, então o alarme de incêndio é acionado (AUSEC, 2022). O nosso detector de fumaça, além de emitir o alarme de maneira sonora, envia uma notificação ao dispositivo móvel registrado na conta do(a) usuário(a) e ao dispositivo de notificação, uma tela touch screen instalada na parede das construções.

O detector também tem a capacidade de identificar um possível incêndio através da sua câmara térmica, que é programada para identificar corpos vivos, ou seja, corpos quentes ou com a temperatura maior que 0° C. Então, após receber as notificações, o(a) usuário(a) deve confirmar ou não o alerta de risco e isso pode ser feito tanto pelo telefone móvel quanto pelo dispositivo de notificação. Há, por-

Protótipo do
Detector de Fumaça Inteligente 2.0



Protótipo do Aplicativo



tanto, duas opções para o usuário. A primeira opção rejeita o alerta de incêndio, indicando ao sistema que há alguém no local da ocorrência com controle sobre o fogo, ou seja, que a fumaça identificada pelo detector foi gerada de forma controlada (como em uma cozinha, por exemplo). Nesse caso, nada mais acontecerá, pois o detector entenderá que não há nada de errado no local. Se a segunda opção for selecionada ou se o usuário não responder ao alerta, a central do Corpo de Bombeiros é automaticamente acionada, recebendo também a localização exata do imóvel, via GPS.

Para garantir que o máximo de pessoas contem com este equipamento de segurança em seus domicílios e imóveis comerciais, elaboramos um projeto de lei no qual propomos a obrigatoriedade da instalação de detectores de fumaça desta natureza em novas construções públicas ou privadas, sejam elas residenciais ou comerciais, assim como ocorreu, por exemplo, com o airbag frontal e o freio ABS em veículos fabricados no Brasil. O projeto de lei prevê a inclusão desse custo no preço final do imóvel, fazendo com que o valor seja diluído.

O aplicativo possibilita também a conexão entre os dispositivos dos usuários de uma mesma região, como de um prédio ou condomínio, por exemplo. Dessa forma, quando há a confirmação da ocorrência de incêndio em algum imóvel da área, todos são alertados, viabilizando uma evacuação mais rápida e protegendo, assim, a vida de todos. Para demonstrar o funcionamento do aplicativo, desenvolvemos um protótipo que pode ser testado através da leitura de um qr code. Também modelamos e imprimimos em 3D o protótipo do detector de fumaça.

Todo esse projeto foi pensado para que o ato de manusear o fogo seja mais seguro, fazendo com que as pessoas se sintam mais confortáveis em suas casas, contando com um sistema fácil e prático de usar. O detector pode ajudar tanto os civis quanto o Corpo de Bombeiros, já que o alerta é feito de forma automática, ou seja, necessitando de pouca ou nenhuma intervenção humana. Com esse projeto, esperamos contribuir para a redução de mortes e diminuição de danos a bens materiais causados por incêndios que podem ser evitados.



DETECTOR DE FUMAÇA INTELIGENTE 2.0 EM NOVAS CONSTRUÇÕES

PROJETO DE LEI Nº 32.987, DE 2022

Dos Srs. Bernardo de Freitas Pio, Gabriel Tannus Freitas Dória, Henrique Carvalho de Lemos Barreto, Maria Clara Gradin Costa, Maria Eduarda Bento Carqueija e Rafael Dantas do Vale

Determina

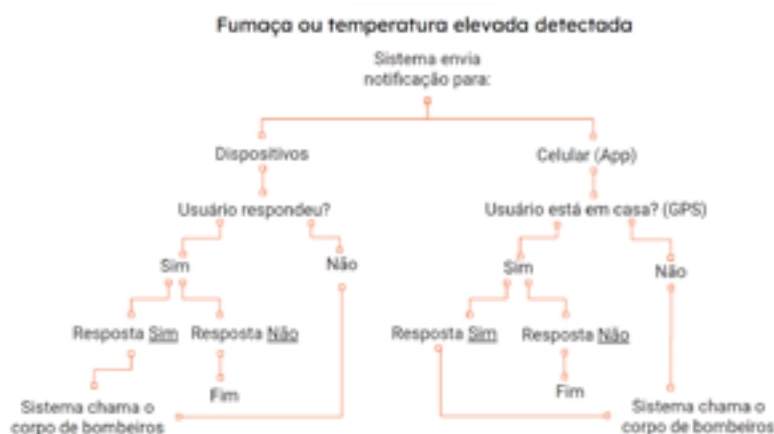
Todas as novas construções deverão incluir o sistema detector de fumaça inteligente em cada unidade do empreendimento (casa, apartamento, sala, loja etc.).

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta lei trata da obrigatoriedade da instalação de um sistema detector de fumaça inteligente, interligado à Central de Monitoramento do Corpo de Bombeiros em todas as novas construções residenciais e comerciais.

Art. 2º Esta lei visa a segurança de todos que moram, frequentam ou estão em volta, fazendo assim com que ninguém se machuque.

Art. 3º O governo do estado deverá assumir o custo sobre a Central de Monitoramento do Corpo de Bombeiros.



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

GRUPO FBN. **Incêndios residenciais ocorridos no 1º Semestre de 2021 passam a marca de 3.000.** Disponível em: <https://grupofbn.com.br/blog/incendios-residenciais-ocorridos-no-1o-semester-de-2021-passam-a-marca-de-3-000>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SAMPA, Jana. **Cinco pacientes morrem após incêndio no Hospital de Bonsucesso, no Rio.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/cinco-pacientes-morrem-apos-incendio-de-hospital-de-bonsucesso-no-rio/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SOUZA, Felipe. **Com isolamento, incêndios sobem 60% em SP e bombeiros fazem apelo: 'muito cuidado com álcool gel'.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52363220>. Acesso em: 27 mar. 2022.

VEJA. **Aquecimento Global: 2020 bate recorde de temperatura.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/aquecimento-global-2020-bate-recorde-de-temperatura>. Acesso em: 12 abr. 2022.

EXPERIMENTE!

PROTÓTIPO COMO MODO DE PREVENÇÃO DA INALAÇÃO DE MONÓXIDO DE CARBONO POR PIZZAIOLOS

Esther da Costa Gomes e Jorge Bugary Teles Junior | Sartre Escola SEB |
estherdacostagomes@gmail.com; jbugary@hotmail.com

A produção de fumaça é dependente de processos chamados pirólise e oxidação, essa última podendo ser definida como “processo em que o oxigênio reage quimicamente com moléculas do combustível quebrando-as em compostos menores que resultam na produção de luz e calor” e tendo como produtos monóxido de carbono (CO), dióxido de nitrogênio (NO₂), dióxido de enxofre (SO₂) e o carbono elementar (SOUZA et al., 2004). O monóxido de carbono merece uma atenção especial, tanto devido a sua constância no ambiente e periculosidade, quanto por estar relacionado a diversas problemáticas (ambientais e no quesito da saúde humana), o que corrobora com a afirmativa de que profissionais que entram em contato com ele devem estarem protegidos. Tendo isso em mente, é relevante destacar que determinadas profissões trazem um maior risco de contato com substâncias perigosas que outras, não sendo viável afirmar que as mesmas medidas de segurança aplicadas a um engenheiro mecatrônico são apropriadas a um bombeiro ou minerador, o que, por sua vez, acentua a necessidade de equipamentos de proteção adequados a cada contexto de trabalho. Essa pesquisa, portanto, teve como foco os pizzaiolos que utilizam o forno à lenha, levando em consideração que, sendo um constituinte da fumaça, o monóxido de carbono poderia ser inalado por esses profissionais, trazendo consequências a curto, médio e longo prazo.

Devido ao motivo citado, o objetivo do projeto foi o desenvolvimento de um protótipo de máscara adaptada ao contexto de trabalho dos pizzaiolos, sendo mais confortável, acessível financeiramente e, ainda, eficiente contra o monóxido de carbono. Ademais, essa pesquisa também almejou a comprovação da inalação da substância por meio de um questionário aplicado em cinco pizzarias da cidade de Lauro de Freitas- Bahia, respondido por cinco pessoas que usam ou já utilizaram o forno à lenha, as quais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como é requisitado ao serem feitas pesquisas com humanos. Esse questionário conteve perguntas a respeito de sinais da inalação da substância, indagando se o entrevistado já teve algum dos seguintes sintomas: dor de cabeça, alterações visuais e confusão mental. Apenas dois dos cinco entrevistados alegaram ter um dos sintomas (é importante considerar também que uma dessas pessoas disse que o seu sintoma pode ter ocorrido devido a outra condição de saúde). Apesar de não ter apresentado os resultados esperados, o projeto prosseguiu, não apenas porque muitas variáveis poderiam ter interferido, entre elas o modelo do forno e a



condição da lenha, mas também por causa das graves consequências que a inalação pode trazer. Essa parte da pesquisa contou com questionamentos acerca das preferências para a feitura da máscara (se eles optam por preços mais baixos, material adequado à temperatura, entre outros) e sobre as máscaras que os entrevistados já utilizam no trabalho (a de pano foi uma delas, não eficaz contra o monóxido de carbono).

Após a escolha do tema, foram feitas pesquisas bibliográficas com a finalidade de melhor compreender o monóxido de carbono, gás asfíxiante, que causa o impedimento da captação e distribuição do oxigênio pelo sistema cardiovascular (SOUZA et al., 2004). Também foram feitas leituras de artigos para o desenvolvimento da máscara, o que trouxe ênfase à problemática das lesões de pele causadas por elas, pois “o contato prolongado

com os EPIs afeta a integridade da barreira cutânea em decorrência da força do atrito contínuo ou deslizante e da própria condição estrutural da pele” (SILVA et al, 2022). Em vista disso, o protótipo foi desenvolvido buscando uma resolução do empecilho da pressão das máscaras convencionais sobre a face. Outras características a serem consideradas para o protótipo também foram destacadas após as pesquisas bibliográficas. O Respirador North 4200, por exemplo, possui características vantajosas como o “material elastomérico com formato anatômico e que se encaixa na face de forma confortável” (PERONDI, 2013).

Por fim, para a feitura do protótipo, a máscara protetora de EVA com filtro Sms50 Lifemask V5, foi adquirida e analisada para prevenir ou remediar seus pontos negativos e levar os positivos para a máscara a ser desenvolvida. Foi notado que,

devido seu material lavável, a durabilidade da Lifemask V5 é aumentada, ajudando, a longo prazo, no barateamento do custo, o protótipo, então, seria feito com o mesmo EVA dermatologicamente testado. Embora tenha apresentado pontos positivos, a Lifemask proporciona uma grande pressão sobre a face, o que seria resolvido no protótipo, o qual teria uma camada de silicone nas extremidades, onde a pressão é maior. Até o momento, há apenas um modelo do protótipo, feito em papel, mas, futuramente e com mais testes, esse modelo pode evoluir para uma máscara eficaz e acessível à população, útil para o público-alvo e, com as devidas alterações e adaptações, para outras classes de trabalhadores.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

PERONDI, Evandro Carlos. Dispositivo para auxiliar na fuga de casa noturnas em situações de incêndio com incidência de fumaça e gases. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/95529>. Acesso em 14 de set. 2022.

SILVA, Lorrany Fontenele Moraes da et al. Lesões de pele por Equipamentos de Proteção Individual e medidas preventivas no contexto da COVID-19: revisão integrativa. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [online]. 2022, v. 30 [Acessado 27 Jul. 2022], e3551. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1518-8345.5636.3551> <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5636.3522> <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5636.3550>>. Epub 20 Abr 2022. ISSN 1518-8345. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5636.3551>. Acesso em 14 de set. 2022.

SOUZA, Rogério et al. Lesão por inalação de fumaça. *Jornal Brasileiro de Pneumologia* [online]. 2004, v. 30, n. 6 [Acessado 17 Jul. 2022], pp. 557-565. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1806-37132004000600011>>. Epub 07 Abr 2005. ISSN 1806-3756. <https://doi.org/10.1590/S1806-37132004000600011>. Acesso em 14 de set. 2022.

FIQUE SABENDO!

VAPE E JOVENS:

UMA EQUAÇÃO QUE NÃO BATE

Felipe Gildo Vilela Miranda Santos e Gabriela Cunha Elísio dos Santos | Sartre Escola SEB |

felipe.gildo.official@gmail.com; cunhagabriela11@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, um produto atra-
tivo passou a chamar a atenção da
sociedade, especialmente da cien-
tífica. O cigarro eletrônico, popula-
rizado com diversos nomes, entre
eles “Vape”, “E-cig”, “Pod”, “Juil”
e outros que você talvez já tenha
ouvido, marcou presença princi-
palmente nos grupos mais jovens,
interessados no design inovador
e na criatividade de sabores, o
que criou um alerta às famílias
e escolas sobre esse famoso,
porém aparentemente mis-
terioso dispositivo. Além
disso, é um produto inde-
finido até certo ponto, já
que a variedade do cigarro
eletrônico é tão grande
que definir um padrão de
composição, concentra-
ção e efeitos do seu uso
torna-se um desafio ainda
maior. Apesar de todas as
dificuldades, estudos re-
levantes foram realizados
tanto nacional quanto inter-
nacionalmente acerca do
funcionamento do vape e
dos efeitos fisiológicos do
seu uso, além de agregar
outros estudos sobre ni-
cotina, droga psicoativa
presente na maioria dos
cigarros eletrônicos.

A informação sobre esse pro-
blema atual é útil para lidar
com o uso do vape entre
pessoas próximas e neces-
sário para evitar o consumo
desse produto. O maior pro-



blema das pesquisas sobre o vape,
atualmente, é o tempo, já que faz
menos de uma década desde que o
uso de cigarro eletrônico se tornou
expressivo e passou a ser monito-
rado, e menos tempo ainda desde
o aparecimento clínico dos primei-
ros sintomas do seu uso. Mesmo
com esse fator limitante, os cres-
centes estudos sobre esse produto
têm provas o suficiente para con-
cluir que o uso do cigarro eletrôni-
co não é seguro. Essas provas ba-
seiam-se em evidências clínicas
de curto prazo, além de análises
da composição dos vapores
dos dispositivos. Ou seja, é
possível, com os dados que
possuímos hoje, confirmar
a nocividade do cigarro
eletrônico, porém estudos
mais profundos sobre o
assunto são necessários
para identificar precisa-
mente as consequências
do seu uso a longo prazo.

DESENVOLVIMENTO

Para se ter uma noção do
quão antigo é o vape, a
primeira patente de um
“vaporizador elétrico”
foi concedida em 1930,
porém nenhum modelo
foi lançado ao mercado
até 1979, quando o cigarro
apelidado de “Favor” foi
comercializado com base
na proposta de ser uma
alternativa menos preju-
dicial para os fumantes,
mas acabou fracassando
nas vendas por conta do
sabor amargo do vapor.



O produto foi importante para cunhar o termo “Vape” como um modo moderno de consumir nicotina, em oposição aos cigarros convencionais. Em 2003, o primeiro protótipo da versão mais recente de cigarro eletrônico foi desenvolvido na China e introduzido no mercado estadunidense a partir de 2006, expandindo seu consumo entre os jovens. Ao mesmo tempo, os futuros fundadores da empresa Juul, fabricante de vapes, desenvolveram nos Estados Unidos o cigarro eletrônico com “Pods”, que nada mais são do que cartuchos que armazenam o “E-líquido”: a solução de nicotina, flavorizantes e outros compostos, que serão transformados em vapor e então inalados. Note que o sucesso econômico do produto ocorreu após a adição de flavorizantes e reguladores químicos de sabor e cheiro, mostrando que o cigarro eletrônico “disfarça” seus efeitos negativos por meio de aromas e gostos atraentes, facilitando a sua popularização.

Mas, se ele foi criado há tanto tempo, por que só percebemos sua existência agora? A resposta está na maneira pela qual o vape foi apresentado a essa nova geração. Com a queda do consumo dos cigarros convencionais, a sociedade vê negativamente o antigo cigarro, assim como evita o seu cheiro, seus resíduos e sua fumaça desconfortável. A juventude atual internalizou esses valores, e aprendeu a dizer “não” ao cigarro comum. Porém,

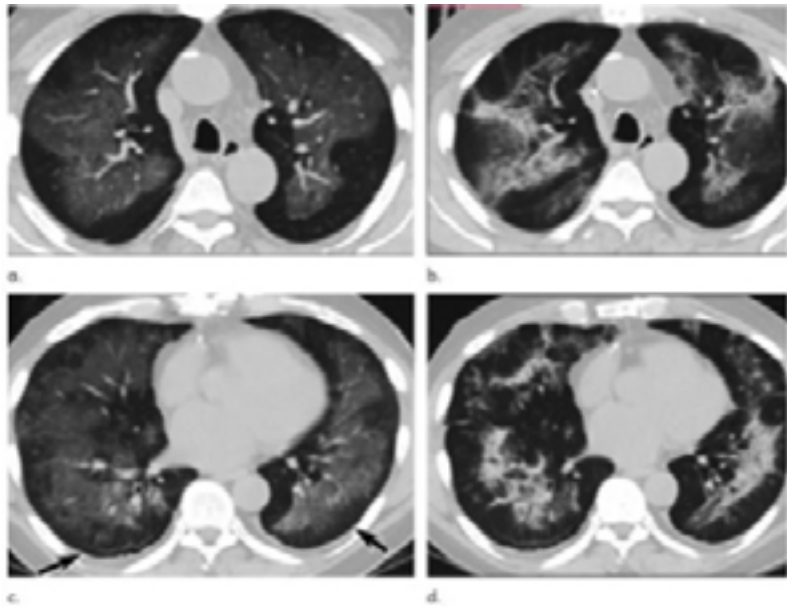
essa geração não foi educada a dizer “não” ao cigarro eletrônico, permitindo sua expansão entre os jovens. Pior que desconhecido, o vape ainda é alvo de mentiras, como as de que “não fazem mal” ou que “só tem água no vapor”, comumente ouvidas e que inocentam o dispositivo dos efeitos nocivos que ele causa. Além disso, o novo cigarro foi projetado intencionalmente de uma maneira inovadora, seu desenho é moderno e seu formato é compacto, ele é facilmente transportado por ser altamente versátil, atraindo, por uma estratégia de marketing, a mesma juventude avessa ao antigo design simples e mórbido do cigarro convencional. Assim, respondendo à pergunta inicial, o cigarro eletrônico surgiu como nova “febre” dos últimos anos porque houve uma combinação entre o desconhecimento do dispositivo e a criação de um produto direcionado aos jovens.

Como consequência direta da popularização do vape, surgiram casos de lesão pulmonar ligados ao seu uso, os quais passaram a ser classificados como “Evali”. A denominação surgiu em 2019, nos Estados Unidos, quando um surto de lesões agudas no pulmão foi detectada em indivíduos jovens e saudáveis, porém sem uma possível causa identificável, e o que interligava todos eles era o uso de vape nos últimos 90 dias. Milhares de casos foram reportados no verão

desse ano e o termo que se refere a “Lesão Pulmonar Associada ao Uso de Vape ou Cigarro Eletrônico” continuou sendo usado nas situações em que lesões pulmonares idiopáticas (sem causa aparente) estão ligadas ao uso recente de vape. Dentre os sintomas gerais da Evali, estão a febre, leucocitose, pulso de oxigenação decrescente e tosse regular. Porém, muitos sintomas estão também relacionados a causas infecciosas, tornando fundamental a exclusão dessas possibilidades por meio de testes virais e bacterianos para confirmar um quadro de Evali. Tal confirmação pode partir de tomografias computadorizadas do tórax, onde a manifestação visual indica a lesão pulmonar causada pelo vape. A manifestação da Evali nas imagens é, na maioria das vezes, na forma de lesão pulmonar aguda, onde opacidades de vidro fosco difusas ou multi-focadas, envolvendo todos ou a maioria dos lobos pulmonares, bilateralmente, apresentam um espectro de lesões agudas e organizadas que consistem na inflamação crônica de células pulmonares. Nas imagens, as opacidades pulmonares são visíveis e evoluem da esquerda para a direita. É possível identificar em ambas as tomografias os padrões descritos, sendo que as primeiras são da região média do pulmão e as segundas são da região inferior do pulmão. As imagens da direita são de 6 dias depois das da esquerda, indicando uma consolidação das opacidades

e expansão das lesões. Assim, a evidência mais concreta de Evali reside na visualização correta de tomografias computadorizadas, sendo fundamental a habilidade médica de interpretar esses exames e excluir outras possibilidades, confirmando um caso de Evali.

Além dos efeitos pulmonares, a presença de nicotina na maioria dos cigarros eletrônicos causa a dependência química ao produto, assim como ocorre com os cigarros convencionais. A entrega de nicotina realizada pelo vape é similar à do cigarro convencional, e seus efeitos psicoativos afetam rapidamente o sistema nervoso do usuário. A nicotina, originalmente presente na essência do cigarro eletrônico, é vaporizada e entra nas vias aéreas e viaja até os alvéolos pulmonares, alcançando, por difusão, a corrente sanguínea. A partir da corrente sanguínea, ela rapidamente atingirá o cérebro e os receptores colinérgicos nicotínicos (nAChR), onde se conectará e desencadeará a liberação de muita dopamina, provocando a sensação de felicidade no indivíduo. A síndrome de abstinência surge quando, após um período prolongado de exposição à nicotina, parte dos receptores desse psicoativo são inativados pelo organismo, e o corpo, na tentativa de retornar à homeostasia, aumenta o número de receptores. Assim, um fumante possui grande quantidade de receptores de nicotina, porém grande parte é inativa, e permanece assim até que o consumo de nicotina cessa e sua concentração cai. Após essa diminuição, os receptores inativos tornam-se ativos novamente e o indivíduo torna-se hipersensibilizado à exposição de nicotina. Como resultado, as vias colinérgicas ficam hiperexcitáveis à acetilcolina liberada pelo corpo. Isso contribui para os sintomas e sinais da crise de abstinência, como bradicardia, aumento do apetite, dificuldade de concentração, ansiedade, insônia e depressão. Assim, o indivíduo buscará o consumo de nicotina, reiniciando o ciclo da dependência. Essa nicotina pode inclusive ser encontrada nos cigarros convencionais, fazendo o jovem usar o mesmo cigarro que

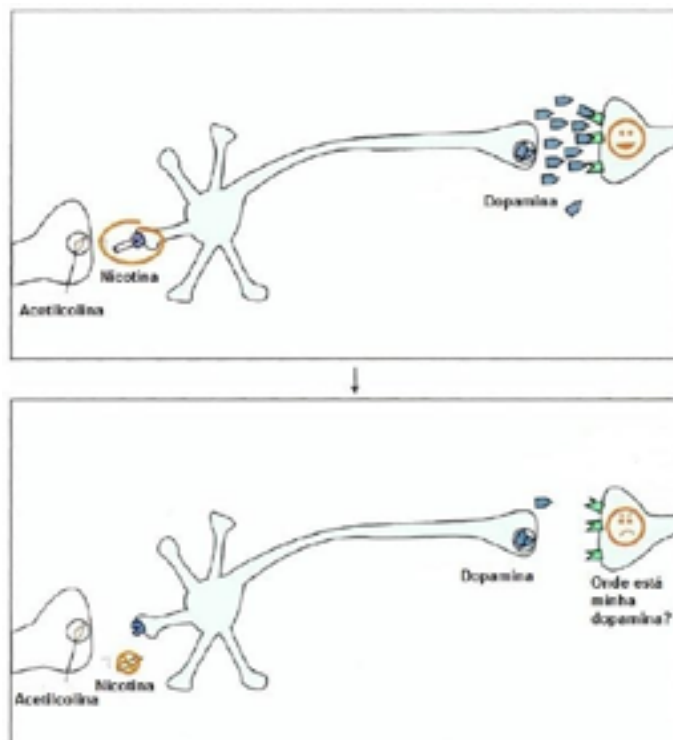


ele aprendeu a recusar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é nítida a relação perigosa que se constrói entre a juventude e o vape, o que pode resultar em grandes problemas no futuro da sociedade. Apesar de tanta informação, ainda há pressão para que a ANVISA volte na sua decisão de 2009, na qual foi proibida a “comercialização, a importação e a propaganda de quaisquer dispositivos eletrônicos para fumar”,

realizada por grupos interessados na venda de cigarros eletrônicos e no lucro por trás dessa atividade comercial ilegal. Entretanto, uma possível legalização dessas atividades seria desastrosa na medida em que não há uma uniformidade na composição das essências ou na fabricação dos vapes, já que cada fabricante de cigarro eletrônico produz modelos de acordo com suas especificações, cria sabores conforme sua criatividade e regula a concentração de compostos químicos a depender da sua necessi-



dade. Dessa forma, uma possível liberação tornaria a regulação da ANVISA impossível de se realizar, haja vista tamanha variedade. Além disso, com o pouco que se tem de pesquisas científicas, é visível que os cigarros eletrônicos são nocivos

à saúde, porém ainda faltam informações acerca dos efeitos danosos e de estudos robustos que permitam uma visão ampliada do uso do vape. A produção literária sobre o tema deve ser incentivada para que a sociedade científica entenda mais

sobre esse dispositivo de impacto crescente. Assim, enquanto as pesquisas continuam, a proibição do uso de cigarros eletrônicos deve ser mantida e seu uso desencorajado, protegendo uma geração inteira de jovens da influência nociva do vape.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABBARA, Suhny; KAY, Fernando Uliana. Electronic Cigarette or Vaping-associated Lung Injury (EVALI): The Tip of the Iceberg. *Radiology: Cardiothoracic Imaging* 2019, [s. l.], 11 out. 2019. DOI 10.1148/ryct.2019190212. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7977739/>. Acesso em: 14 out. 2022.

ARTUNDUAGA, Maddy; RAO, Devika; FRIEDMAN, Jonathan; KWON, Jeannie K.; PFEIFER, Cory M.; DETTORI, Amy; WINANT, Abbey J.; LEE, Edward Y. Radiologic, Pathologic, Clinical, and Physiologic Findings of Electronic Cigarette or Vaping Product Use-associated Lung Injury (EVALI): Evolving Knowledge and Remaining Questions. *Radiological Society of North America*, [s. l.], 25 jan. 2020. Acesso em: 14 out. 2022.

ARTUNDUAGA, Maddy; RAO, Devika; FRIEDMAN, Jonathan; KWON, Jeannie K.; PFEIFER, Cory M.; DETTORI, Amy; WINANT, Abbey J.; LEE, Edward Y. Pediatric Chest Radiographic and CT Findings of Electronic Cigarette or Vaping Product Use-associated Lung Injury (EVALI). *Radiological Society of North America*, [s. l.], 3 mar. 2020. Disponível em: <https://pubs.rsna.org/doi/10.1148/radiol.2020192778>. Acesso em: 14 out. 2022.

JONAS, Andrea. Impact of vaping on respiratory health. *BMJ Publishing Group Limited*, [s. l.], 18 jul. 2022. DOI 10.1136/bmj-2021-065997. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35851281/>. Acesso em: 14 out. 2022.

NITRINI, Gustavo; FRANKEN, Roberto A.; FRANKEN, Marcelo; FONSECA, Alfredo J.; LEITE, Julia C. T. Nicotina. Ações e Interações. *Arquivos brasileiros de cardiologia*, [s. l.], 6 mar. 1996.

OLIVEIRA, Ana Rita Cabral Correia Alves de; SANTOS, Bruna Larissa da Silva; FARIAS, Camylle Victoria Marques de Araújo; OLIVEIRA, Lara Mendonça; LÚCIO, July Anne Alves; PEREIRA, Emylle Costa de França; MELLO, Gabriela Souto Vieira de. Os impactos negativos do uso do cigarro eletrônico na saúde. *Diversitas Journal*, [s.l.], 1 jan. 2022. DOI 10.1136/bmj<2011>2021<2011>065997. Disponível em: <https://diversitasjournal.com.br/article/download>. Acesso em: 14 out. 2022.

PANSE, Prasad M.; FELLER, FF; BUTT, YM; SMITH, ML; LARSEN, BT; TAZELAAR, HD; HARVIN, HJ; GOTWAY, MB. Pulmonary Injury Resulting from Vaping or e-Cigarette Use: Imaging Appearances at Presentation and Follow-up. *Radiol Cardiothorac Imaging*, [s. l.], 27 ago. 2022. DOI 10.1148/ryct.2020200081. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7977764/>. Acesso em: 14 out. 2022.-

PLANETA, Cleopatra S.; CRUZ, Fábio C. Bases neurofisiológicas da dependência do tabaco. *Arch. Clin. Psychiatry. (São Paulo)* 32 (5), [s. l.], 31 out. 2003

PUPULIM, Alisson F.; SARRIS, Andrey B.; FERNANDES, Luiz G. R.; NAKAMURA, Maki C.; CAMARGO, Tatiane V. De; PAULA, Josue B. De. Mecanismos de dependência química no tabagismo: Revisão da literatura. *Revista Médica da UFPR*, [s. l.], 2015. DOI 10.5380/rmu.v2i2.42122. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revmedicaufpr/issue/view/1931>. Acesso em: 14 out. 2022.

SECHRIST, Jacob W.; KANNE, Jeffrey P. Vaping-associated lung disease. *Radiological Society of North America*, <https://doi.org/10.1148/radiol.2019192073>, 2020.

WINNICKA, Lydia; SHENOY, Mangalore Amith. EVALI and the Pulmonary Toxicity of Electronic Cigarettes: A Review. *Journal of General Internal Medicine*, [s. l.], 3 abr. 2020. DOI 10.1007/s11606-020-05813-2. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11606-020-05813-2>. Acesso em: 14 out. 2022.

WU, Markus; MOHAMMED, Tan-Lucien H. Electronic Cigarette or Vaping Product Use-associated Lung Injury: Diffuse Alveolar Damage. *Radiol Cardiothorac Imaging*, <https://doi.org/10.1148/ryct.2020200027>, 2 abr. 2020.

FIQUE SABENDO!

AS DIFERENTES FACES DO AUTISMO

Sophia Souza Almeida de Santana e Márcio Lisboa Correia | Sartre Escola SEB
sophiasantana.1505@gmail.com; márcio.l.correia@gmail.com

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome comportamental, diagnosticada por meio da observação direta do paciente, que engloba o transtorno autista, síndrome de Asperger, transtorno de-sintegrativo da infância e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação (DSM-V, 2013). Ele é caracterizado por déficits na comunicação verbal e não-verbal, na interação social e na reciprocidade socioemocional; padrões repetitivos de comportamento, movimentos motores estereotipados, adesão às rotinas inflexíveis, hiperfoco, interesses atípicos em aspectos sensoriais do ambiente, dificuldade para seguir regras e para entender o que é não é explicitamente declarado (DSM-V, 2013). Esses sintomas se manifestam de maneiras desiguais em cada indivíduo, expressando diferentes graus. Dessa maneira, o papel da família é muito importante para o devido acompanhamento de jovens com autismo.

Esse estudo visa analisar a estrutura familiar de crianças, adolescentes e adultos com TEA focando no papel da mãe que geralmente assume a maior parte da responsabilidade, e do pai que geralmente assume o papel secundário e muitas vezes abandona e se ausenta do compromisso da paternidade. Mas também, aborda temas como as diferentes reações após o diagnóstico do autismo e a quebra de expectativa do filho idealizado; a relação de dependência do filho para com a mãe e, conse-

quentemente, o medo enfrentado pela figura materna de morrer e seu descendente ser abandonado; o sentimento de substituição do irmão desse indivíduo com autistas e a mobilidade.

Para isso, foram realizadas entrevistas nos formatos de roda de conversa e de questionário na escola-clínica Evolução, em Salvador-BA, com oito mães e um pai de jovens com autismo que possuem diferentes idades e diferentes níveis socioeconômicos. Algumas das entrevistas foram gravadas e editadas em um documentário com um olhar muito sensível e respeitoso ao mesmo tempo que retrata a vida real de cada um desses núcleos familiares. O vídeo começa com

algumas imagens do espaço onde foram realizados os depoimentos e de fundo uma poesia que segue com a trilha-sonora baixa no início e no final.

Na pesquisa, foi observado uma semelhança entre as histórias de 50% das entrevistadas: o abandono parental exclusivamente por conta da condição do filho. Vale ressaltar, que nesses casos há duas vertentes: a mãe que se sente sobrecarregada com o peso de cuidar do filho, muitas vezes, sozinha e sem apoio familiar; e a tristeza do próprio filho que percebe o descaso do genitor. Falas como: “Não levo mais meu filho para o Dia dos Pais”; “Eu sou pai e mãe dele”; “Financeiramente falando ele não contribui”; “Eu me separei e o pai simplesmente se afastou”; “Eu tô sozinha cuidando dele”; “Ele sente falta, eu penso que já se acostumou ou





já trabalhou isso de maneira que aceita” e “Uma pena que a maioria das crianças que convivi os pais ‘debandam’ de alguma maneira” evidenciam esses pontos.

Outro fator a ser analisado é a reação materna e a associação dessa com a época em que o autismo do jovem foi descoberto. As mães mais velhas apontam, tristeza e medo, mas também, um certo alívio e uma sensação de preparo. Faz-se necessário pontuar que, no início do século XXI, o conhecimento acumulado sobre o autismo ainda era escasso, logoessas mães tiveram que passar por muitos médicos e variados falsos

diagnósticos, como o de surdo. A espera de não saber o que há com seus descendentes e a exaustão à procura de respostas foram angustiantes para elas. Em contrapartida, as mães mais novas apresentam uma aflição um pouco maior, visto que com um diagnóstico mais rápido, o choque e ansiedade para receber a notícia também aumenta.

Pode-se traçar um paralelo dessa realidade com a de outros transtornos e síndromes, em “Podemos pensar que o luto se relaciona não apenas à perda do filho idealizado, mas à sensação de fracasso materno por ter gerado um filho imperfeito. Seria como se as mulheres ficassem enlutadas por sua maternidade, por sentirem-se inca-

pazes de gerar uma vida perfeita”. Andrade e col. fizeram uma análise psicanalítica que descreve as percepções da mãe de uma criança com síndrome de down que é bem semelhante ao da mãe de autista, apesar de serem situações distintas, onde um é uma síndrome que nasce com a pessoa e o outro é um transtorno que se observa com o tempo, o sentimento das mães é semelhante. Este estado de luto pode ser observado em uma das entrevistadas que alega que desenvolveu depressão e que foi muito difícil conseguir lidar com a circunstância.

Dessa maneira, no caso da família dos irmãos com autismo há o sentimento de descuido dos pais para com eles, já que o foco da família é sempre atender as necessidades do autista, enquanto o irmão se sente deixado de lado na própria casa. E ainda, há o dever que lhe é atribuído de ajudar a cuidar do autista, o que pode gerar desconforto já que esse irmão também quer cuidado e atenção dos pais que o acabam esquecendo. Segundo relatos da mesma entrevistada, isso aconteceu com o seu segundo filho, gerando ansiedade e depressão no garoto.

E ainda, a figura materna possui um constante medo de morrer e seu filho ser abandonado, ainda mais as mães-solo que não possuem uma rede de apoio grande. Como





apontado na apuração, elas são as protagonistas no processo de criação, por isso há uma percepção delas que ninguém será tão boa quanto elas, afinal, quem irá conhecer o seu filho e seus desejos além delas? A dependência do filho é um fator primordial no desencadeamento desse medo e de outras adaptações à vida com um autista, muitas saem de seus empregos ou se mudam para um lugar que tenha maior assistência médica.

Em relação à mobilidade, para quem pega transporte público é bem complicado, por conta do preconceito da sociedade, há muita discriminação por parte dos cobradores, motoristas e passageiros, podendo causar situações constrangedoras para os autistas. A cada três mães que participaram da pesquisa, duas têm receio de deixarem seus filhos pegarem ônibus, mesmo assim, por conta da situação financeira precisam enfrentar. Há ainda poucos casos em que o ambiente se torna favorável à família e que o autista é bem recebido no local, como apontado no documentário.

Por fim, nosso estudo propõe uma reflexão sobre a criação de autistas e a relação entre a mãe com o filho(a) e a ausência da relação do pai com o filho(a), um assunto relevante para a sociedade. Afinal, onde estavam esses pais quando as mães passaram por todas essas situações?

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

GRUPO FBN. Incêndios residenciais ocorridos no 1º Semestre de 2021 passam a marca de 3.000. Disponível em: <https://grupofbn.com.br/blog/incendios-residenciais-ocorridos-no-1o-semester-de-2021-passam-a-marca-de-3-000>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SAMPA, Jana. Cinco pacientes morrem após incêndio no Hospital de Bonsucesso, no Rio. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/cinco-pacientes-morrem-apos-incendio-de-hospital-de-bonsucesso-no-rio/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SOUZA, Felipe. Com isolamento, incêndios sobem 60% em SP e bombeiros fazem apelo: 'muito cuidado com álcool gel'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52363220>. Acesso em: 27 mar. 2022.

VEJA. Aquecimento Global: 2020 bate recorde de temperatura. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/aquecimento-global-2020-bate-recorde-de-temperatura>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FIQUE SABENDO!

OS NOVOS TRAPICHES: A SUBMORADIA NA SALVADOR CONTEMPORÂNEA

Sávio da Silva de Souza, Luciana Santos de Oliveira e Edcassio Nivaldo Avelino | Colégio Militar de Salvador
silvasavio608@gmail.com, lu.s.o.2@hotmail.com, edcassio.avelino@gmail.com

A obra *Capitães da Areia*, escrita por Jorge Amado em 1937, narra a história de um grupo de crianças e adolescentes abandonadas pela sociedade e que sobrevivem de pequenos golpes e furtos. Eles habitam um antigo trapiche (armazém de mercadorias) abandonado, marcado pela precariedade: infestado de ratos, sem banheiros ou proteção contra a chuva. Tais características enquadram o trapiche amadiano no conceito de submoradia: “uma moradia abaixo das condições de qualidade de uso, seja se comparada a uma outra moradia ou a um padrão básico de habitação” (IPEA, 2011). Contudo, na história sotero-politana a baixa qualidade habitacional não se limitou a literatura modernista da década de 30: na contemporaneidade, as favelas são os novos trapiches de Salvador.

O processo de favelização esteve atrelado ao desenvolvimento da cidade: com a instalação de indústrias, principalmente petroquímicas, movimentos migratórios tornaram-se crescentes ao passo que a infraestrutura urbana não acompanhou a expansão populacional. Segundo o IBGE (Instituto Brasi-

leiro de Geografia e Estatística), Salvador possui 270 comunidades e 42% das habitações estão localizadas nessas. Os dados citados revelam uma contradição socioespacial já percebida e descrita por Jorge Amado: “Na cidade da Bahia coexistem duas realidades. Uma quotidiana, dramática terrível de miséria e opressão. Outra mágica, poética e festiva de liberdade e alegria” (AMADO, 1937).

Em paralelo, cabe analisar quais fatores aproximam o trapiche e as favelas atuais. O IBGE define as comunidades como aglomerados subnormais, um conjunto de pelo menos 50 casas que não atenda às condições mínimas de saneamento básico e possua um padrão urbanístico irregular e restrições quanto ao uso do solo. O trapiche eradesprovido de banheiros, hoje, segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento, 47% da população não usufrui da rede de esgoto, e 16% não tem acesso à água encanada. Assim como a morada dos Capitães da Areia foi conquistada a partir da ocupação de um prédio abandonado, as comunidades formaram-se nas áreas mais afastadas do centro, dispen-

sadas pela classe dominante, com as construções sendo feitas sem a autorização formal do Estado.

Outra problemática compartilhada pelo trapiche e pelas favelas é a estigmatização e o preconceito. No livro de Jorge Amado, as crianças não são vistas como tal, mas somente como ladronas e bandidas: “Ele quisera agradar o homem, merecer uma prata dele. Tivera dois pontapés e palavras brutais. Não compreendia. Por que eram odiados assim na cidade? Eram pobres crianças sem pai, sem mãe.” (AMADO, 1937). De modo análogo, as comunidades e seus moradores são vítimas do “mito da marginalidade”, conceito cunhado por Janice Perlman (1977) para descrever uma série de estereótipos acerca das favelas que domina o imaginário social e resulta do “etnocentrismo e do preconceito de classe dos responsáveis tanto pelas teorias como pelas políticas acerca das favelas”, servindo, portanto, à manutenção de um sistema cômodo e conveniente, do status quo. Ou seja, é mais fácil demonizar a imagem da favela e dos favelados, assim como dos Capitães da Areia, do que tentar resolver o problema, de fato.

Dentre outros rótulos, estão o da vagabundagem e o da violência. O primeiro é uma espécie de culpabilização do pobre pela própria pobreza, atribuindo-lhe adjetivos como “irresponsável” e “preguiçoso”, de modo que “não melhora de vida porque não quer”. Já o segundo ganhou força com a ascensão do tráfico de drogas, sobretudo a partir da década de 80, de forma que o morar na favela é encarado como ser, necessariamente, bandido: “Por vezes, a favela e o favelado equivalem a categorias de acusação, que estigmatizam a dimensão social da geografia e estendem preconceitos a toda uma população - a ponto de moradores de favelas verem-se instados a falsificar endereços para evitar discriminação quando procuram emprego.” (ATHAYDE; MEIRELLES, 2014).

O tratamento dispensado pelo Estado também conecta a obra de Jorge Amado com a realidade contemporânea. No livro, a relação entre o poder público e os Capitães da Areia ocorre por meio de três instituições: o reformatório

de menores, para onde eram mandados e extremamente maltratados quando presos, o lazareto, local para o qual eram enviados os pobres infectados com a varíola (causadora de uma epidemia, na época) e no qual não se sabe exatamente o que era feito para a melhoria dos pacientes, e a polícia, instrumento de opressão. Tal caracterização é evidenciada na tortura de um dos personagens, o Sem-Pernas, o qual é forçado a se arrastar em volta de uma mesa enquanto é chicoteado por dois policiais.

Analogamente, “favela foi sinônimo de problema que o dever público deveria antes remover que resolver” (ATHAYDE; MEIRELLES, 2014). Ao longo da história, o Estado, com diferentes justificativas, tentou destruir as comunidades e transferir os moradores para outras regiões. No início do século XX, a Reforma Pereira Passos, no Rio de Janeiro, também conhecida como “bota abaixo”, com o objetivo de embelezar a cidade, foi a maior expoente do remocionismo. Na Era Vargas, o Código de Obras de 1937 possuía

ordem oficial para erradicação das comunidades. A associação entre favela e sujeira também foi impulsionadora do remocionismo: com o fito de conter epidemias, causadas pelo não fornecimento adequado dos serviços de saneamento (o qual é responsabilidade do Estado), as favelas eram desmanteladas.

Por fim, pode-se notar a persistência de problemáticas sociais ao longo da história brasileira, o que permite, portanto, a designação do livro de Jorge Amado como atemporal. A constância dos problemas tratados no presente artigo revela a indiferença com a qual o Estado e a sociedade lidam com as classes mais pobres. 85 anos depois da publicação de *Capitães da Areia*, pessoas em situação de rua, o desrespeito à cidadania e à dignidade humana, a estigmatização e a invisibilidade social ainda formam uma triste realidade do Brasil. Como canta os Paralamas do Sucesso, favelas, trapiches e Farrapos são filhos da mesma agonia.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMADO, J. *Capitães da Areia*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ATHAYDE, C. MEIRELLES, R. *Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira*. São Paulo: Editora Gente, 2014.

G1 BA. Em Salvador, 4 de cada 10 domicílios estão em favelas e assemelhados, de acordo com o IBGE. G1 BA, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/05/19/em-salvador-4-de-cada-10-domicilios-estao-em-favelas-e-assemelhados-de-acordo-com-o-ibge.html>. Acesso em: 29 set 22.

GIUDICE, D.; SOUZA, R. O processo recente de favelização em Salvador: o exemplo do Calabar. *Revista de Desenvolvimento Econômico*, 2000. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/585>. Acesso em: 29 set 22.

MIRANDA, Nadja. *Espaços públicos de Salvador: uso e apropriação pelos moradores de rua - uma análise do espaço concebido, vivido e percebido*. 2006. 128 pgs. Universidade Federal da Bahia.

PERLMAN, J. E. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SERPA, A. *Periferização e metropolização no Brasil e na Bahia: o exemplo de Salvador*. *GeoTextos*, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3044>. Acesso em: 29 set 22.

SILVA, J. *Saneamento básico na favela: sonho ou realidade próxima?* Agência de Notícias das Favelas, 2020. Disponível em: <https://www.anf.org.br/saneamento-basico-na-favela-sonho-ou-realidade-proxima/>. Acesso em: 05 out 22.

SOUZA, A. *Favelas, invasões e ocupações coletivas nas grandes cidades brasileiras - (Re)Qualificando a questão para Salvador- BA*. *Cadernos Metrôpoles* 05, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/download/9297/6901>. Acesso em: 04 out 22.

(CAPITÃES) DA AREIA: INFÂNCIA ABANDONADA E INVISIBILIZADA

Maria Luísa Fonseca Vilar, Luciana Santos Oliveira e Edcassio Nivaldo Avelino | Colégio Militar de Salvador
vilar.mlf@gmail.com, lu.s.o.2@hotmail.com, ed.avelino@hotmail.com

O romance intitulado Capitães da Areia, do escritor baiano Jorge Amado, publicado em 1937, retrata a vida, cotidiano, dores, lutas e fraquezas de crianças e adolescentes, entre 9 e 16 anos, carentes das mínimas condições de sobrevivência e de carinho, que moram em um trapiche abandonado, efetuando furtos para sobreviverem na Salvador que os despreza, ao tempo que lutam contra o preconceito e a violência que lhes é imposta pela sociedade que os tratam como adultos, vagabundos e ladrões, apesar de serem crianças.

O livro, dividido em três partes, apresenta ao leitor complexos personagens impactados e moldados pelas condições impiedosas que os envolvem: Pedro Bala, o líder do grupo e filho de um falecido grevista que trabalhava nas docas; Professor, um sensível leitor e artista; Sem-

-Pernas, um “aleijado” amargo e desesperado por carinho e tantas outras crianças abandonadas e marcadas pela solidão e miséria. Ao longo da obra são abordados temas pertinentes que denunciam a marginalização, o preconceito, a negligência, a violência e a apatia para com os capitães da areia e que sensibilizam o leitor. Uma das críticas presentes no romance tange à infância abandonada e negada a essas crianças e adolescentes, que são invisibilizados e ‘adultizados’, como aponta o trecho:

Bem sabia que eles nunca tinham parecido crianças. Desde pequenos, na arriscada vida da rua, os Capitães da Areia eram como homens, eram iguais a

homens. Toda a diferença estava no tamanho [...] Sentiam mesmo como homens. Quando outras crianças só se preocupavam com brincar, estudar livros para aprender a ler, eles se viam envolvidos em acontecimentos que só os homens sabiam resolver. Sempre tinham sido como homens, na sua vida de miséria e de aventura nunca tinham sido perfeitamente crianças. Porque o que faz a criança é o ambiente de casa, pai, mãe, nenhuma responsabilidade. Nunca eles tiveram pai e mãe na vida da rua. E tiveram sempre que cuidar de si mesmos, foram



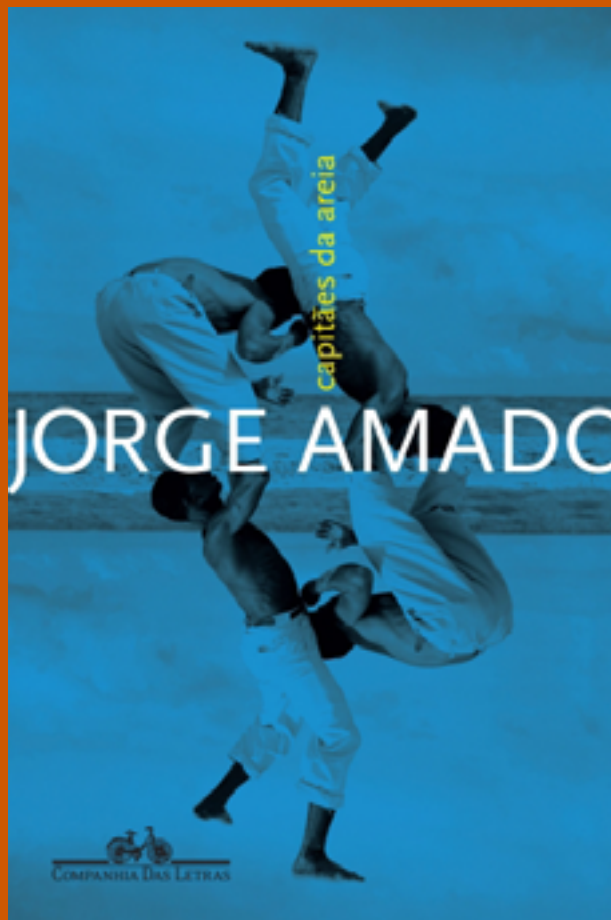
sempre os responsáveis por si. Tinham sido sempre iguais a homens (AMADO, 2014, p.243-244).

A infância não vivida pelos capitães da areia era confundida com malandragem, ao tempo que escancarava o tratamento diferenciado das demais crianças da Salvador dos anos de 1930, que eram privilegiadas com moradia e suporte familiar. Isso evidencia como a infância dos capitães da areia foi negada, marginalizada, abandonada e apagada. Partindo da discussão proposta pelo livro amadiano, é possível perceber que a infância é uma construção social, cultural e histórica, não sendo algo imutável e definido. Nesse sentido, o conceito de infância depende do contexto da época, do local, das

peessoas, bem como de fatores como etnia, gênero e classe social para ser total ou parcialmente aplicado. Segundo Manuel Jacinto Sarmiento (2005, p. 365- 366):

A infância é historicamente construída, a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade. Esse processo, para além de tenso e internamente contraditório, não se esgotou. [...] A geração da infância está, por consequência, num processo contínuo de mudança, não apenas pela entrada e saída dos seus actores concretos, mas por efeito conjugado das acções internas e externas dos factores que a constroem e das dimensões de que se compõe.

Analisando como era vista a infância em diferentes períodos da história, considerando a sua de-



pendência da época, local, cultura e sociedade, destaca-se que na Idade Média não havia diferença entre o adulto e a criança, sendo essa vista como uma espécie de mini-homem, a qual não se tinha apego, em consequência da alta mortalidade infantil. Philippe Ariès, um historiador francês e conhecido pesquisador da infância, diz sobre esse período que “a criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais”. Na renascença a criança era vista como um ser ingênuo e gracioso que merecia ser paparicado e que servia para distrair o adulto. Porém, para os moralistas eram seres puros e frágeis, mas que precisavam ser moldados através da disciplina para se tornar um adulto honrado. Há então uma preocupação em preparar a criança para o convívio social, sendo os jesuítas, no Brasil, os principais responsáveis

em educar as crianças dessa época.

Na modernidade, as crianças vão ser consideradas seres diferenciados, incapacitados, incompletos, que necessitam ser instruídos e socializados pelos adultos. Com esse intuito, no século 20, foram criadas leis e políticas públicas para assistir e educar os menores, dentre as quais se destaca: o Código de Menores de 1927, o Serviço Social de Menores Abandonados e Delinquentes (1938), o Serviço de Assistência a Menores (1941), o Recolhimento Provisório de Menores (1954), a criação da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (1964), o Código de Menores de 1979 e, finalmente, o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990. Nos anos de 1930, no contexto de urbanização das cidades e

centralidade das políticas higienistas, as diferenças entre as infâncias ficaram ainda maiores, sobretudo entre as classes sociais. Na cidade de Salvador, à época, o termo menor, menores abandonados, delinquentes, crianças ladronas utilizado para designar as crianças de classes desfavorecidas foi amplamente empregado, conforme localizou-se em jornais locais. Nesses termos, os menores abandonados eram associados como crianças que estavam “em caminho da delinquência”, razão pela qual “[...] se educam às sarjetas das ruas e dão-se à prática do crime, avulta o trabalho da Polícia”, leitura noticiada por Zanni na revista ETC. (BA), publicada em 26 de maio de 1930, sob o título “Menores Abandonados”. Tais apontamentos evidenciam que as crianças enquanto tais eram vistas mais como problema a ser solucionado pela polícia, do que pelo Estado.

No livro *Capitães da Areia*, estas mesmas denominações foram amplamente empregadas por Jorge Amado, evidenciando a crítica social que o romance caracterizado como de denúncia social traz ao não cumprimento do Código de Menores de 1927, conhecido como Código Melo Mattos, e ao contexto político e social da cidade de Salvador nos anos 30 do século 20. Segundo a Agência Senado, o citado código pode ser considerado como a primeira lei do Brasil dedicada à proteção da infância e da adolescência, no qual a maioridade penal foi aumentada para 18 anos, fato este que perdura até os dias atuais. Contudo, como lembra a historiadora Maria Luiza Marcilio, autora do livro *História Social da Criança Abandonada*, “como sempre acontece no Brasil, há uma distância muito grande entre a lei e a prática. O Código de Menores trouxe avanços, mas não conseguiu garantir que as crianças sob a tutela do Estado fossem efetivamente tratadas com dignidade, protegidas, recuperadas”.

Hoje as crianças brasileiras são

protegidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990. É assegurado por esse a toda criança e adolescente todos os direitos fundamentais, assegurando-os todas as oportunidades e facilidades, a fim de promover o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. A criança então é finalmente vista como um sujeito de direitos, mas, afinal, a infância ocorre igualmente para todas as crianças?

Na teoria, tais direitos se estendem a todas as crianças sem discriminação de etnia, gênero ou classe social, mas, na prática, percebe-se que a criança negra e pobre se torna menor, com foco nas punições, e a criança branca, das classes média e alta, permanece sendo criança, com foco nos direitos. Relacionando o livro *Capitães da Areia* às leituras realizadas para compreender a concepção de infância que estava sendo retratada, é possível afirmar que o termo “menor” estava relacionado à criança pobre e desamparado, as quais representavam um

perigo para a sociedade. O pesquisador João Diógenes Ferreira dos Santos sintetiza isso com a frase: “Ontem e hoje, infâncias diversas e contraditórias”.

Assim, o romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, escrito na década de 30, exemplifica o tratamento recebido por crianças e adolescentes que, a princípio, estavam sob proteção do Código de Menores, de 1927, antes do atual Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) surgir, evidenciando como a ideia de infância sofreu muitas modificações ao longo dos anos. No entanto, a seletividade na aplicação do conceito de infância ainda persiste até a atualidade, revelando sua dependência de outros fatores sociais que tão perversamente têm produzido o seu apagamento.

Historicamente, a infância que deveria ser protegida e assistida pelo Estado foi marcada pela punição, invisibilização e abandono do poder público, reafirmando o quanto a infância foi desigual entre grupos de crianças diferenciadas pelas condições sociais as quais estavam submetidas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. Ed. SCHWARCZ.SA, São Paulo, SP. 2014.

BARBOSA, Adriza Santos Silva; DOS SANTOS, João Diógenes Ferreira. Infância ou infâncias? *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 245-263, set./dez. 2017.

ISOBE, R. M. R., & RIBEIRO, B. O. L. ‘Menores e vagabundos’: o discurso jurídico sobre infância e educação na imprensa periódica nos primórdios da República. *Revista Brasileira de História da Educação*, 22. 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

BRASIL. Senado Federal. Disponível em ><https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/07/07/criancas-iam-para-a-cadeia-no-brasil-ate-a-decada-de-1920>< Acesso em 14 de setembro de 2022

PERONDI, Evandro Carlos. Dispositivo para auxiliar na fuga de casa noturnas em situações de incêndio com incidência de fumaça e gases. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/95529>. Acesso em 14 de setembro de 2022.

EXPERIMENTAÇÃO DA TRÍADE:

ALUNO-ESCOLA-RESPONSÁVEIS COMO VETOR PARA O SUCESSO ACADÊMICO DO DISCENTE DO ENSINO MÉDIO REGULAR

Isabela Silva Menezes Santos, Vilmar do Nascimento Rocha e Yanca Maria Moreira Araújo |

Escola Sesi Anísio Teixeira | isabelysms@gmail.com; vilmar.rocha@fieb.org.br; yancamaria27@gmail.com.

Tradicionalmente, os insucessos acadêmicos são apontados, na maioria das vezes, como autoria una da instituição escolar, mas é evidente que a cooperação dos responsáveis é significativa, mas para que sua presença seja positiva são necessárias mudanças nos comportamentos da parte de todos os envolvidos. A incumbência de formular conexões não diz respeito somente à escola, quando se percebe a definição de que a educação “é um direito de todos e dever do Estado e da família” (BRASIL, 1988), ou seja, cabe à escola e à família se responsabilizar, mutuamente, em prol da educação e escolarização do sujeito, abandonando em ambas as partes a situação cômoda e buscando o que é melhor para os estudantes. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais (BRASIL, 1990). Em suma, o grande desafio da atualidade é o que fazer para engajar mais as famílias no cotidiano escolar. O envolvimento dos pais na escola mostra aos alunos que o apren-



dizado formal e o bom desempenho escolar são importantes, pois quanto maior for a parceria entre escola e família, mais positivos e significativos serão os resultados da aprendizagem, a participação dos pais na educação dos filhos deve ser consciente e contínua. Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva a muita coisa mais que uma infor-

mação mútua: esse intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. O objetivo geral da pesquisa foi descobrir acerca da efetividade do contexto familiar em relação ao engajamento e sucesso do aluno do ensino médio regular em sua trajetória acadêmica. O objetivo específico foi eleger e implementar estratégias, as quais envolveram responsáveis/pais, aluno e escola, em prol do sucesso do aluno do ensino médio regular em perspectivas quantitativas e qualitativas; além de experimentar a efetividade da tríade: família-escola-aluno.

Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades (PIAGET,1991). Assim, entende-se que a obrigação da escola excede o ensino pedagógico em sala de aula e o dos responsáveis excede o mantimento para com os filhos. Assim sendo,

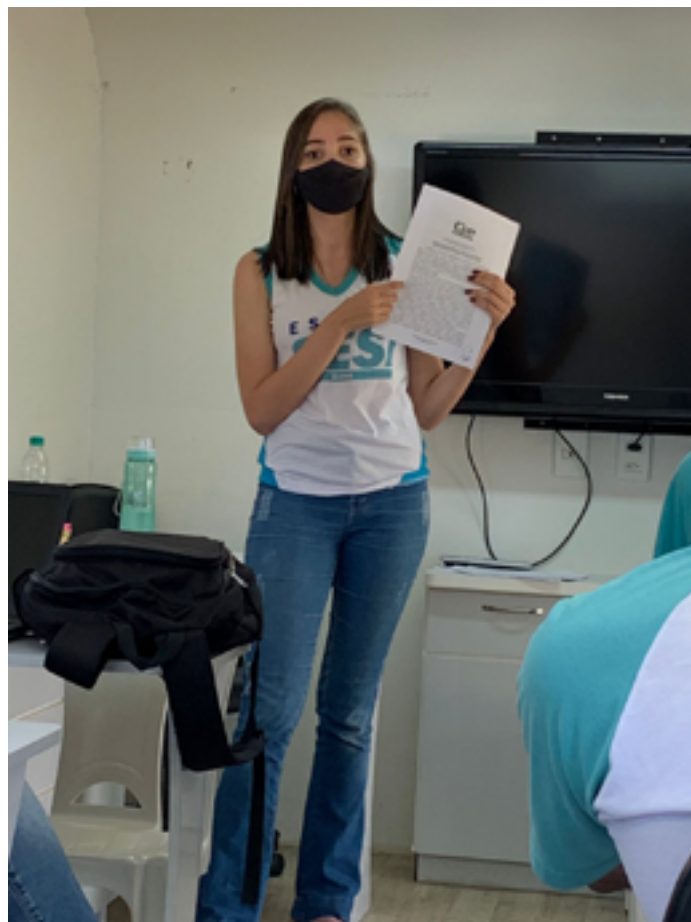
são essas diferenciações que se complementam entre si.

Família e escola são contextos muito importantes para o desenvolvimento social e cognitivo do aluno e têm revelado serem fundamentais para o sucesso escolar. As contribuições desses contextos são específicas e complementares, e é importante o estabelecimento de relações adequadas entre ambos (CAETANO et al., 2019).

O tipo de pesquisa utilizado é a quali-quantitativa. De acordo com Knechtel (2014) a pesquisa quali-quantitativa interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos. Assim, esse tipo de pesquisa possibilita o levantamento e geração de dados a partir da solicitação de informações a um grupo de pessoas selecionadas antecipadamente acerca da problemática centrada como objeto de estudo. Mediante análise e verificação, as soluções e conclusões são elaboradas com decorrer do desenvolvimento da base de dados gerados. O desempenho observado no uso de questionários e entrevistas focados no problema demonstram a implicação de ações como compreender, interpretar e dialetizar a disposição de diferentes ações dos sujeitos. Assim, quando se pensa em lidar com sujeitos, leva-se em consideração muito mais do que o número de dados obtidos, mas, isto sim, a vivência de cada um sobre o mesmo

objeto, fator que depende de sua personalidade, de sua bibliografia e de sua participação na história” (MINAYO, 2012, p. 622).

O envolvimento e a participação dos responsáveis na instituição escolar permitem um alcance de inúmeros benefícios para ambos os incluídos no processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, Paro (2008, p.13) aponta para a necessidade de uma tomada de decisões conjunta, entretanto, os responsáveis não devem ser formalmente responsabilizados por questões administrativas da escola, já que não faz parte do seu espectro de incumbências ou obrigações. A partir dos resultados dessa pesquisa, compreende-se a demanda e exigência de critérios e condições que permitam uma aproximação entre escola e família, esses critérios dispõem de intervenções que visam a promoção da extensão da função educativa dos responsáveis, como momentos de diálogo, eventos escolares bem como os



extracurriculares, palestras de interesse educativo bem como a noção dos responsáveis quanto ao gerenciamento de atividades pedagógicas e educativas que propiciam aos responsáveis, um vínculo e uma conexão maior com a instituição de ensino, além disso, percebe-se que a capacidade de desenvolver habilidades como a autonomia do aluno se inicia com o processo de conhecimento das propostas educacionais por parte de todos os membros da tríade, assim sendo, retoma ao que os alunos respondentes da pesquisa reconhecem como sendo “autonomia” um processo de maior gerência no percurso acadêmico (Littlewood, 1997) sem uma emancipação total das tratativas da comunidade escolar, já que os professores, por exemplo, são vistos como auxiliares no desenvolvimento dessas habilidades além das decisões intercambiáveis no dinamismo estudantil tomadas pelos outros membros da tríade. Através da pesquisa, percebeu-se também evidências e indicativos de distanciamentos e afastamentos dos responsáveis da escola, já que ao se verificar os resultados do estudo, chega-se ao desenlace que denota a dificuldade aparente em contactar e relacionar-se com os responsáveis por meio de ocasiões que permitiram e propiciaram o diálogo dos responsáveis com os pesquisadores, mas que foi impossibilitado e frustrado pelos transtornos e adversidades diversas decorrentes dos diferentes contextos que foram percalços ao respondimento dos procedimentos de pesqui-

sa. Consta-se aqui, porém, que nem todos responsáveis interagem da mesma forma, uns comunicam mais que outros, mas ao se julgar o entendimento no que diz respeito a preocupação com o desenvolvimento acadêmico do aluno, o auxílio dos responsáveis aos responsabilizados se verifica como um contato direto com o trabalho executado pela instituição de ensino como foi apresentado pelos sujeitos professores e coordenação pedagógica, ademais, esses sujeitos participantes do estudo, delinearão que as reuniões de pais e mestres bem como as atividades comemorativas oportunizadas pela escola são de suma importância para a promoção do envolvimento no diálogo com a comunidade escolar, assim sendo, essas interações se qualificam como propostas expres-

sivas para melhoria da comunicação entre as duas principais instituições da vida de um indivíduo: escola e família.

Dessarte, pode-se defrontar que existe a necessidade do comprometimento de todos os envolvidos da tríade: aluno-escola-responsável e o devido aprimoramento da comunicação entre ambos, possibilitando aos discentes, êxito no seu processo de escolarização. Desse modo, a escola, como um espaço de evolução cognitiva do sujeito, se apresenta como um ambiente interacional, interativo e discursivo, e acredita-se que esse espaço propicia diversos avanços comportamentais, os quais são atravessados por discursos que impactam sobre a vida social dos sujeitos que (com)partilham esse espaço. Logo, a família

deve e precisa estar a fim desse espaço para que possa contemplar as necessidades dos alunos/responsabilizados para que o caminhar acadêmico possa ser traçado de forma colaborativa e intensiva. Assim, o estudo, o qual gerou esses escritos pode proporcionar embasamento para futuros estudos que visam possibilitar a ampliação da comunicação entre os discentes, seus responsáveis e a escola.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. Constituição Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Ministério das Comunicações, 1988.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CAETANO, L. M.; YAEGASHI, S. F. R.; DEOLINDO, K. L. Relações interpessoais e conflitos: o caso da relação escola e família. In: CAETANO, L. M.; SILVA, S. de C. (orgs.). Psicologia para pais e educadores: desenvolvimento cognitivo e afetivo. Curitiba: Juruá Psicologia, 2019.

KNECHTEL, MARIA DO ROSÁRIO. Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014, p 533.

LIU, Ngar-Fun; LITTLEWOOD, William. Por que muitos alunos parecem relutantes em participar do discurso de aprendizagem em sala de aula?. Sistema, v. 25, n. 3, pág. 371-384, 1997.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2012

PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática da escola pública. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação. Rio de Janeiro. José Olímpio, 1991/2007

SANTANA, A. M.; SANTOS, C.; SILVA, M. P. A. A indisciplina escolar e suas perspectivas. Revista Saberes. Paripiranga, BA, n.8, p. 15-20, 2019.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984 e 1998

A INCIDÊNCIA DA DESIGUALDADE SOCIAL DE GÊNERO

E OS IMPACTOS NO ACESSO À SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

Maria Clara Santana de Souza e Camilla Hetenhausen | Colégio Ana Tereza
idael.regiane@hotmail.com, camilla@anaterzavirtual.com

INTRODUÇÃO

O direito à alimentação é garantido a todo cidadão brasileiro perante a lei, sendo este baseado nos princípios da Segurança Alimentar e Nutricional, na qual visa o acesso contínuo e de maneira saudável à alimentos, sem que isso impacte de qualquer maneira na prevalência da regularidade das ademais necessidades básicas tidas pelo indivíduo naturalizado do Brasil, tais quais a educação, saúde e cultura (LOSAN, 15 de setembro de 2006). Dessa maneira, entende-se que para que o direito à alimentação seja respaldado é preciso que a população não tenha somente acesso aos suprimentos, mas que estes sejam ofertados de forma saudável e regular, sem que haja o medo da ausência de comida ou mesmo o consumo daquelas que tragam risco à sua saúde.

Entretanto, sabe-se que a realidade do território brasileiro se opõe a tal perspectiva, já que a maior parte da sua extensão apresenta indivíduos que vivenciam a insegurança alimentar e nutricional. Embora no passado recente o país tenha deixado o mapa da fome, com a aplicação de polí-

ticas públicas que auxiliassem os indivíduos das camadas mais pobres e houvesse melhorias significativas na qualidade de vida populacional, o cenário atual é preocupante. De acordo com o 2º inquérito nacional sobre insegurança alimentar, no ano de 2022 a ISAN atinge cerca de 58,7% da população da nação verde-amarela e, ainda, 33 milhões de brasileiros vivenciam a fome.

Do mesmo modo, a fome é percebida em regiões mais específicas do país, em especial aquelas pertencentes ao Norte e Nordeste, dentre elas o município de Salvador, capital do estado da Bahia, na qual terá enfoque no seguinte estudo. Nota-se que, concerne a Câmara Municipal de Salvador, 40,9% dos bairros soteropolitanos lidam com elevados índices de ISAN, sendo que 7,9% vivenciam, de fato, uma grave ausência de alimentos.

Além disso, deve-se considerar que, segundo Aliaga; Ribeiro *et al.* (2020):

De fato, os grupos que apresentam insegurança alimentar também são aqueles que estão expostos a vários outros fatores que caracterizam uma situação ou um estado de vulnerabilidade,

entre eles: condições socioeconômicas deficitárias, meio ambiente degradante, escolaridade baixa, moradores de periferias urbanas, desemprego, entre outros.

Nesse contexto, compreende-se que a situação de fome atinge, em especial, indivíduos que tenham realidades inerentes a tais condições, em território brasileiro com uma ampla gama de desigualdades, o acesso a alimentação torna-se benefício, não direito, e inúmeros indivíduos tornam-se prejudicados, dentre eles os com maiores dificuldades de acesso a renda fixa e com estereótipos sociais embutidos, dentre eles, cita-se também as mulheres. A desigualdade de gênero impacta na disponibilidade de alimentação, fato esse que pode ser concretizado pelo seguinte dado da



Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar de 2013 (PNAD 2013), que apontaram uma prevalência de aproximadamente 19% de insegurança alimentar moderada ou grave em domicílios chefiados por mulheres.

DESENVOLVIMENTO

No contexto sociocultural, há uma divisão patriarcal do mundo trabalhista, na qual os papéis de gênero são estratificados, pertencendo a figura masculina o alcance da comida para as residências, já que o labor remunerado é a ele pertencente, enquanto o papel feminino, comumente doméstico, dava-se ao preparo dos alimentos, mas sem qualquer influência em sua obtenção. Sendo assim, as mulheres e crianças encontravam-se à mercê das relações domésticas de suas residências para a garantia do consumo de suprimentos, tornando-se as mais vulneráveis à vivência de situações de fome, ou do medo da ausência dos mantimentos. (OLIVEIRA, 2020).

Nessa perspectiva, percebe-se que a invisibilidade do trabalho feminino vem como fator primordial para a existência da disparidade de acesso à alimentação, haja vista que um dos principais fatores para a continuidade da fome na nação brasileira é a pobreza, falta renda para a compra de alimentos de qualidade em quantidade suficiente, sendo que os segmentos populacionais com os menores salários são os mais afetados pelos preços dos alimentos. Dessa forma, a relação empregatícia da mulher na sociedade impacta na segurança alimentar de suas famílias. (BRASÍLIA, 2004).

Em primeira análise, é imprescindível compreender que as relações familiares vêm passando por transformações, mas a sociedade ainda precisa se adaptar, no passado recente era ao homem a atribuição do papel do chefe da família. Entretanto, com o passar do tempo, as mulheres ficaram cada vez mais responsáveis por essa função, muitas vezes sem o auxílio de parceiros. De acordo

com o CMS, na capital baiana, cerca de 60% dos domicílios apresentam chefia feminina, mostrando que agora são elas as responsáveis pela obtenção dos suprimentos.

Entretanto, compreende-se que é de suma importância a adaptação social, especialmente trabalhista, já que diversos autores já assumem o fenômeno conhecido como “feminização da pobreza”, que se trata de uma crescente no número de empobrecimento nos domicílios chefiados por mulheres. Elas pertencem a uma camada que enfrenta mais vulnerabilidade em relação a pobreza, já que fatores como desemprego, subemprego, trabalhos informais, trabalhos não remunerados domiciliares e condições trabalhistas precárias afetam a elas em uma proporção maior que aos homens, fazendo com que fiquem mais suscetíveis a prevalência da insegurança alimentar e nutricional (OLIVEIRA, 2020).

Além de tais fatores, a mulher chefe de família pouco encontra auxílio, já que por muitas vezes não conta com a participação efetiva de parceiros, fato que pouco ocorre na homóloga situação masculina. Sendo assim, lidam com a dupla jornada de trabalho, aquele remunerado, no qual não é valorizada, e, ainda, o doméstico, sendo responsável pela criação dos filhos e cuidado com o lar, que dificulta ainda mais na obtenção de renda para a residência e aumenta a carga atribuída a essa mulher.

Desse modo, em um contexto geográfico mais específico, precisa-se compreender a relação do trabalho da mulher em Salvador, que não se torna menos precária do que em qualquer região do país. Inicialmente, percebe-se que há uma diferenciação dos salários recebidos entre sexos, segundo dados divulgados pela SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia), em 2018, os homens apresentavam vantagem nesse quesito, já que o salário médio para as mulheres era de R\$ 1.333,00, enquanto o de seus

homólogos era de R\$1.616,00. Além disso, são elas as mais afetadas pelo desemprego no município, ainda de acordo com a SEI, em 2021 a desocupação feminina atingiu 24,7%, enquanto o percentual masculino foi de 15,5%. Esses dados mostram que a renda é menor e menos estável nas residências de chefia feminina, dificultando o acesso à alimentação.

Não só isso, mas também analisa-se que a participação empregatícia feminina se dá, normalmente, por trabalhos menos lucrativos ou os famosos “bicos”, já que, muitas mulheres estão inseridas no mercado de trabalho a partir de funções como diaristas, vendedoras de revistas ou comercializando seus próprios produtos, apesar dos trabalhos de carteira assinada atingiram 42,2% em 2018, o número ainda é inferior, sendo que os trabalhos apresentados contam com uma menor regularidade que aqueles, normalmente, exercidos por homens.

Dessa forma, com a dificuldade da obtenção de renda para as mulheres a insegurança alimentar se torna evidente em Salvador, com elas ocupando cada vez mais a posição de chefes de família no Município, mas ainda sem melhorias significativas nas questões de trabalho e garantia de sustentação, as famílias se tornam suscetíveis a enfrentar a ISAN.

Corroborando com tal perspectiva, de acordo com a pesquisa de campo realizada por Maria Agnes et al, no bairro soteropolitano de Pau da Lima:

A análise dos dados confirmou a grande diferença de acesso à comida entre os domicílios chefiados por mulheres e os por homens, com associação estatisticamente significativa entre o gênero do responsável pelo domicílio e o relato, pelo mesmo, da preocupação em faltar comida, ou da falta efetiva de comida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, percebe-se que a conjuntura social de Salvador ainda não favorece o trabalho feminino, impactando na construção de uma sociedade cada vez mais suscetível à fome. Dessa forma, para que os prejuízos sejam amenizados se torna necessário a construção de postos de qualificação de trabalho feminino, bem como organizações

que empreguem mulheres e as dê autonomia, fazendo com que seu trabalho seja valorizado socialmente e não mais invisibilizado. A exemplo de tal proposta encontra-se o projeto Mulheres Mil, que tem como objetivo a diminuição da insegurança alimentar, a partir de redes de apoio às mulheres da região, como também a realização de cursos em diferentes áreas, oportunizando a mão de obra feminina e, por consequência, reduzindo os níveis de ISAN.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALIAGA, Maria Agnes; RIBEIRO, Mirella Santos et al. Avaliação participativa da segurança alimentar e nutricional em uma comunidade de Salvador, Brasil. *Revista de Saúde Coletiva, Bahia*, v. 25, n. 07, p. 01-10, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/FDWFMHfvDbgXLSSJ7dtQrmM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de março de 2022

AUDIÊNCIA DISCUTE FOME E VULNERABILIDADE SOCIAL DURANTE E PÓS-PANDEMIA. Câmara Municipal de Salvador, 2022. Disponível em: <https://www.cms.ba.gov.br/noticias/16-09-2021-audiencia-discute-fome-e-vulnerabilidade-social-durante-e-pos-pandemia>. Acesso em: 10 de julho de 2022

BRASIL. Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN - com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 2006; 18 set

CAMPOS, J. M.; ALMEIDA, R. C. C et al. Gênero, segurança alimentar e nutricional e vulnerabilidade: o Programa das Mulheres Mil em foco. *Revista Ciência e Saúde Coletiva, Goiás*, v. 24, n. 04, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4qtnbwDsbs3YdYXWdw6szWs/>. Acesso em: 05 de junho de 2022

CARRERA-FERNANDEZ, José; MENEZES, Wilson F. O trabalho feminino: uma análise a partir da região metropolitana de Salvador. *Pesquisa e Debate, São Paulo*, v. 14, n. 02, p. 81-109, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/view/11951/8653>. Acesso em: 14 de julho de 2022.

GOIÁS. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. *Princípios e Diretrizes de uma política de Segurança Alimentar e Nutricional*. Brasília, 2004

OLIVEIRA, M. S. S. Desigualdades de gênero e (in)segurança alimentar e nutricional: olhares a partir do conceito de justiça de gênero de Nancy Fraser. *DEMETERA: Alimentação, Nutrição e Saúde, São Paulo*, v. 15, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/47218>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

SANTOS, T. G. D.; SILVEIRA, J. A. C.; LONGO-SILVA, Giovana et al. Tendência e fatores associados à insegurança alimentar no Brasil: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2004, 2009 e 2013. *Cadernos de Saúde Pública, Maceió*, v. 34, n. 04, p. 01-17, 2018. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2018.v34n4/e00066917/pt>. Acesso em: 11 de março de 2022.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA-SEI. *Bahia em números [CD-ROM]*. Salvador, 2000.

2º INQUÉRITO NACIONAL SOBRE INSEGURANÇA ALIMENTAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL. PENSSAN, 2022. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

TRABALHANDO COM A CIÊNCIA

SEGREGAÇÃO E RACISMO NUMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA: UMA ANÁLISE DA SÉRIE "TODO MUNDO ODEIA O CHRIS"

Cezar Augusto Fonseca dos Santos Carvalho e Felipe Juan Azevedo da Paixão | Sesi Reitor Miguel Calmon
carvalhocezar821@gmail.com; paixaofelipejuan@gmail.com

INTRODUÇÃO

A temática do trabalho está baseada nas questões socioespaciais presentes no cotidiano de jovens e adolescentes, e para a análise o projeto se debruça em compreender as questões sociais urbanas. Escolhemos o tema através dos conceitos do capítulo 1 do livro "A cidade contemporânea" que explica as questões socioespaciais e suas consequências, livro que lemos após indicação do orientador. Logo em seguida conseguimos perceber que na série "Todo mundo odeia o Chris" há conceitos abordados no livro, na vivência dos personagens e principalmente do personagem principal, Chris, e sua família.

Escolhemos essa série por assisti-la frequentemente, além de ter uma forte ligação afetiva com a realidade apresentada na série. Podemos destacar a identificação que nós temos com o personagem principal, adolescente negro, que passa por situações parecidas com as quais vivemos no nosso dia a dia.

Salientamos a importância deste trabalho pois existe a desinformação por parte dos jovens e adolescentes, principalmente os periféricos, sobre tais questões socioespaciais presentes na realidade que vivem, questões como segregação, autosegregação, agrupamento e exclusão.

A pesquisa é de grande importância acadêmica pois visa falar sobre questões sociais urbanas de forma inovadora, ao utilizar

conceitos do livro, que é referência em discussões a respeito de conceitos como segregação, junto a série Todo mundo odeia o Chris. Por sabermos e vivenciarmos os problemas sociais urbanos, buscamos uma forma de apresentar esta temática de maneira lúdica e próxima da realidade dos jovens e adolescentes.

METODOLOGIA

Inicialmente nos foi apresentado o primeiro capítulo do livro "A cidade contemporânea". Realizamos uma leitura e discussão do capítulo com colegas e orientador, em seguida outras referências foram lidas, como o livro o Espaço Urbano, de Marcelo Lobato Correa (1989), O Lugar no/do Mundo, de Ana Fani Alessandri e Carlos (1996). Com base nas leituras e discussões foram estabelecidos conceitos chave para construção da pesquisa. Nessa etapa foram estabelecidos conceitos que consideramos im-



portante, como: Lugar, Espaço Urbano e Segregação.

A terceira etapa consistiu em buscar um tema de interesse comum que pudesse ser relacionado ao livro. Decidiu-se trabalhar com a série, *Todo Mundo Odeia o Chris*, na sequência assistimos a série e buscamos episódios que se relacionassem com os conceitos escolhidos anteriormente. Identificamos os conceitos na série, com isso foi realizada uma análise crítica, em seguida foram destacados 2 episódios, *Todo Mundo Odeia o Greg*, T1EP10 e *Todo Mundo Odeia o Neguinho*, T3EP04, que relacionava fortemente o capítulo do livro e os conceitos elencados. A partir desse momento foi desenvolvido o plano de pesquisa, trazendo trechos da série e relacionando com os conceitos do livro.

Como última etapa, o trabalho busca desenvolver material de apresentação para construção de um circuito de palestras que possam levar a informação para estudantes do ensino fundamental e médio de escolas da capital baiana.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A busca por evidências que mostrem os processos sociais urbanos na série foi uma etapa essencial do processo. Para ocorrer, foi preciso primeiro analisar conceitos importantes para posteriormente estabelecer as relações entre os episódios escolhidos e o capítulo do livro.

No desenvolvimento do trabalho foi necessário realizar estudo dos conceitos, entre eles destacou-se como categoria de análise geográfica, o lugar. O conceito desse termo é amplamente discutido, as definições do termo lugar são numerosas. Segundo Souza (1989, p. 114), no plano conceitual, um sentido de lugar vem se afirmando desde a década de 1970, fortemente influenciado pela corrente da chamada Geografia Humanística, supos-

tamente de inspiração fenomenológica, “[...] como um espaço percebido e vivido, dotado de significado, e com base no qual desenvolvem-se e extraem-se [...] não só os ‘sentidos de lugar’, mas, também, as ‘imagens de lugar’”. De maneira que o sentido do termo lugar transcendeu os limites de uma única vertente do pensamento geográfico. Neste contexto, Carlos (1996) conceituou lugar como:

[...] porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade — vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos. O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (CARLOS, 1996, p. 26).

Outro conceito importante foi segregação, que se faz evidente nos episódios da série. Sob essa perspectiva, Corrêa (1992, 2013, p. 14) define a segregação residencial como a “[...] concentração no espaço urbano de classes sociais, gerando áreas sociais com tendência à homogeneidade interna e à heterogeneidade entre elas [...]”

A segregação residencial implica necessariamente em separação espacial das diferentes classes sociais fragmentadas. A separação, por sua vez, origina padrões espaciais, ou seja, as áreas sociais que emergem da segregação estão dispostas espacialmente [...] (CORRÊA, 1992: 66).

Os episódios escolhidos apresentam claramente os conceitos trabalhados. Em “*Todo mundo odeia o Greg*”, T1EP10, Chris vai na casa do seu amigo Greg (amigo branco), em um bairro italiano, jogar vídeo game e percebe as formas de autosegregação das pessoas brancas em relação aos bairros com predominância negra. Vasconcelos, Corrêa e Pintaуди (2013) define autosegregação como:

A autosegregação é o resultado de uma decisão voluntária de reunir grupos socialmente homogêneos, cujo melhores exemplos é o dos loteamentos e condomínios fechados, com suas entradas restritas, muros e sistemas de segurança. É uma forma radical de agrupamento residencial defensivo que procura juntar os semelhantes e excluir os diferentes e impedir o acesso de indesejáveis (VASCONCELOS; CORRÊA; PINTAUDI, 2013, p.27).

Os italianos se fecham por escolha própria, com intuito de preservar sua cultura e se distanciar dos demais grupos sociais, ainda que não possam fisicamente excluir os outros, existe uma ideia de exclusão dos diferentes. Essa questão é percebida no episódio, pois ao chegar no bairro o personagem é desprezado por não fazer parte do grupo, ele observa a diferença cultural comparada ao seu bairro, é possível elencar também a presença da exclusão físico social por não haver negros no bairro. Chris é discriminado, estereotipado pelo bairro onde mora, que é popularmente chamado de “gueto”, apresentado também a exclusão social ou geográfica, na qual Vasconcelos, Corrêa e Pintaуди (2013) afirmam que “essa exclusão levou a formação de uma periferia majoritariamente composta por residências de operários pobres [...]”, como os caso da família de Chris, onde seu pai atua fixamente em dois empregos e constantemente se ocupa em empregos temporários.

Já no episódio “Todo mundo odeia o neguinho”, T3EP4, a casa da família de Chris é furtada e com o descaso da polícia em relação aos bairros de predominância preta nas décadas de 70 e 80, eles viram como solução adquirir um cão de guarda chamado Neguinho. A ausência do Estado ocorre por conta de um processo de exclusão racial institucionalizado, no qual o Estado decide não fornecer a determinados espaços as condições mínimas para uma vida de qualidade dessa população.

No decorrer do episódio Chris percebeu que o Neguinho não obedecia a seus comandos em inglês e então ele conhece o porto-riquenho Marcos, que o ajuda com o adestramento e o leva até um bairro predominantemente latino. Nesse bairro podemos observar e relacionar com um conceito encontrado no livro “A cidade contemporânea” chamado de agrupamento. O conceito de agrupamento segundo Vasconcelos; Corrêa; Pintaudi (2013):

A noção de agrupamento pode ser reservada para o processo pelo qual determinados grupos sociais preferem se separar dos demais, como no caso dos grupos étnicos e religio-

sos, como os judeus, os chineses, e, em certo grau, os italianos, que procuram manter suas características culturais e religiosas, além de facilitar a ajuda mútua. (VASCONCELOS; CORRÊA; PINTAUDI, 2013, p.27).

Os latinos também buscavam manter suas características culturais e religiosas, por isso eles se agrupavam. Por exemplo, quando o Chris visita o bairro latino com o objetivo de treinar o seu cão morando nos EUA eles mantêm a sua língua nativa, o espanhol. É importante observar os conceitos de agrupamento e autosegregação que ocorre nos bairros dos latinos e dos italianos, para trazer o contraponto para o bairro de Chris, um bairro predominantemente negro, para que seja possível perceber como a segregação ocorre, já que para eles aquele espaço é o que lhes resta, como citam Vasconcelos, Corrêa e Pintaudi (2013, p. 25): “É uma área involuntariamente concentrada espacialmente e usada pela sociedade dominante para separar e limitar um grupo particular da população, exatamente definida como racial ou étnica”.

Diferente dos demais grupos, os negros norte-americanos não escolheram se agrupar ou auto se-

gregar em um espaço, o Estado, junto a sociedade, escolheu excluir esse grupo com apoio dos agentes imobiliários, de forma que só lhes restam ocupar esses espaços socialmente excluídos e com nenhuma ou mínima infraestrutura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os resultados obtidos durante as pesquisas, é possível afirmar que é perceptível a presença desses conceitos no dia a dia desses jovens e adolescentes, tendo em vista que, após relacionar os conceitos do livro com a série foi identificado que historicamente houve grande incidência de casos de segregação, autosegregação, exclusão e inclusão socioespacial à exemplos dos Afroamericanos, italianos e latinos na década de 80 nos EUA. Também é possível observar estes processos nas áreas periféricas do Brasil em que parte da população sofreu principalmente com a exclusão socioespacial e consequentemente a marginalização, em que o descaso com a população periférica negligencia a oferta aos serviços básicos (saúde, educação, lazer, segurança.).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 115-12, jul./set., 1992.

CORRÊA, Roberto Lobato et al. O espaço urbano. Ática, 1989.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade contemporânea: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013.



O PROCESSO DE FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NO BRASIL E SUAS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS

Gabriel Jones Marques e Jorge Bugary Teles Junior | Sartre Escola SEB
gabrieljmarques2005@gmail.com, jbugary@hotmail.com

O processo de construção e manutenção de gênero em uma sociedade representa, de modo imaterial, a maneira como foram fundamentadas as divisões culturais de papéis sociais e suas expectativas, hierarquias de poder, características estéticas relacionadas aos supracitados papéis sociais e até mesmo uma fundamentação das relações de produção de uma determinada sociedade. Para além, a formação de gênero representa de forma ambígua: ora um sistema de identificação com pessoas semelhantes e reconhecimento do próprio ser e sua expressão individual sob um olhar psicanalítico; ora uma complexa rede de opressões interseccionais de seus membros, corroborando para processos de violências po-

líticas, sejam elas físicas ou simbólicas, sob a ótica sociológica.

Sendo esse uma complexa manifestação cultural, o modo como essa manifestação se cruza com os diferentes aspectos da vivência humana, absorvendo símbolos e perspectivas pré-existentes nessa cultura, criando-os e reverberando-os, em um processo espiralado, caracteriza o que é descrito por Judith Butler, filósofa dos estudos de gênero, como “a repetição estilizada de atos performativos”. Entende-se, portanto, que estudar gênero é, sobretudo, estudar a performance social repetida e compactuada pelas pessoas que a executam em um determinado espaço e tempo que sofre influência dessa cultura. Abrindo espaço, por consequência, para o enten-

dimento de que não há apenas uma forma de vivenciar gênero ou de descrevê-lo, haja visto não se tratar do âmbito biológico, mas sim das ciências sociais. Tal diferenciação foi proposta por Robert Stoller, psiquiatra e psicanalista estadunidense, em seu livro “Sexo e Gênero: O Desenvolvimento da Masculinidade e Feminilidade”, de 1968, ao observar que o que distingue os seres vivos em “machos” e “fêmeas” seriam características anatômicas e fisiológicas, enquanto “homens” e “mulheres” seriam divisões humanas baseadas em um fenômeno psicossocial de identificação de si mesmo e desses grupos, fundamentadas em características arbitrárias e mutáveis descritas como “masculinas” ou “femininas”.

O Brasil, como palco para a manifestação de construção de gênero, apresenta características singulares de formação de nação em decorrência de sua extensão territorial e diversidade cultural elevada, um processo de colonização que remonta o final do Século XV e início do capitalismo mercantil, um fluxo migratório forçado de mão de obra escravizada oriunda do continente africano sem precedentes e a catequização forçada e extermínio de sua população autóctone, indo de encontro aos preceitos e conceitos já existentes anteriormente à chegada dos colonizadores lusófonos. Esse conjunto de características unidas forma uma espécie de mosaico social que delimita um “começo”, os agentes principais e uma realidade material: um país que se desenvolve junto ao capitalismo como sistema global, posterior ao Século XV, com influências de colonizadores europeus, e colonizados advindos da costa oeste do continente africano e do sul do continente americano.

Segundo a filósofa feminista Silvia Federici, no livro “Calibã e a bruxa: Mulheres, corpos e acumulação primitiva”, há uma relação intrínseca entre a movimentação de poder envolvendo o clero, a nobreza e a ascendente burguesia durante o fim da idade média e a perda de direitos das mulheres na Europa. Segundo Federici, entre os séculos XVI e XVII, após a peste negra e a perda populacional decorrente dela, consequentemente, perda de mão de obra, viu-se necessário “repopo-voar” o continente e reestabelecer o modo como era feito o trabalho, passando de um sistema feudal, para capitalista e isso refletiu no desempenho feminino na sociedade. Para a autora, foi necessário cercear o poder feminino sobre o próprio corpo para que houvesse o desenvolvimento desse novo sistema econômico, transformando as pessoas de camponeses para trabalhadores assalariados. No caso das mulheres, sendo relegado o trabalho não remunerado de “máquinas reprodutivas” da classe trabalhadora e da manutenção do lar

para eles. Assim, Silvia Federici exemplifica como o processo de cercamento de terras, o confinamento e isolamento feminino e uma nova divisão sexual do trabalho, na Europa, foi necessária para a mudança sistêmica que ocorria no continente e paralelamente, moldou o mesmo, passando esses valores de repressão e posse do feminino em caráter da produção e desenvolvimento econômico para outros continentes com o processo colonial.

Em contrapartida, a separação de papéis de gênero na África se deu de maneira diferente da europeia, sendo algumas culturas incompatíveis ao modelo introduzido forçadamente pelo “velho continente”. Divididos principalmente em “Bantus” e “Sudaneses”, os povos africanos levados ao Brasil entre o século XVI e XIX, durante o período da escravatura, representam uma parcela significativa da cultura brasileira e de sua formação de nação. Em decorrência da heterogeneidade cultural, não é possível categorizar a visão das culturas oriundas de África nas Américas quanto aos papéis de gênero de forma una. Entretanto, é possível exemplificar o modo como contrastavam da visão europeia, entendendo-se serem frutos de outro contexto religioso, geopolítico e social. Utilizando-se da cultura lorubá de exemplo: ela representa um dos maiores grupos etnolinguísticos da África, uma subdivisão do grupo dos Sudaneses e possui o atual sistema de divisão de homens e mulheres “inventado” após o contato com o ocidente, segundo a socióloga nigeriana Oyèrónké Oyewùmí. Em sua análise, conclui que a divisão das hierarquias de poder pelos lorubás era executada com base na senioridade do indivíduo, sua idade e experiência, não seu sexo, destacando o fato de não haver atividades que sejam impossibilitadas pelo sexo do indivíduo, uma vez que, segundo a socióloga, esta sociedade africana não possuía as categorias sociais atreladas ao corpo, algo que ressaltou estar presente na “cultura ocidental”, em seu livro “Mulheres Inventadas”. Em con-

trapartida a realidade pós-colonial promoveu uma reestruturação das expectativas de gênero da população afro-brasileira. Em paralelo com a observação de Bell Hooks sobre a divisão sexoracial dos EUA, foi favorecida a visão hiperssexual e promíscua do corpo feminino ao mesmo passo que sua “desfeminilização”, para justificar as violências sexuais praticadas contra as mesmas e incentivar a reprodução do sistema escravocrata em si, pela gestação de mais mão-de-obra forçada e a execução de trabalho pesado, usualmente desassociado ao feminino idealizado na Europa. Simultaneamente, bestializando e hiperssexualizando a figura negra masculina, porém como um perigo a ser detido, por coerção violenta do Estado (principalmente após a abolição da escravatura) e como resposta à retirada de direitos daquele indivíduo como homem sob os padrões europeus. Há uma intersecção de violência e subdivisões de hierarquias nesse contexto de raça e gênero.

Nessa atmosfera, observa-se ainda a maneira como os povos nativos sul-americanos também sofreram com a violência física e simbólica do colonialismo e a ruptura abrupta e forçada de seus conceitos de gênero. Assim como ocorre em África, a diversidade de tribos e grupos etnolinguísticos dificulta a análise minuciosa de todos os contextos históricos e sociais, entretanto, é possível ilustrar a diferença entre as culturas indígenas e europeias em casos específicos. Ao estudar a sociedade Guayaki no Paraguai, por exemplo, Pierre Clastres, antropólogo e etnólogo francês, observou um padrão comportamental de divisão sexual do trabalho e de objetos como símbolos deles. Para ele, o cesto estaria representando o trabalho de coleta, realizado por mulheres e o arco e flecha representando o trabalho de caça, realizado por homens. Entretanto, Clastres apresenta um comportamento de surpresa ao descrever Krembeji, indivíduo que o antropólogo denominou “pederasta” no livro “Crônica dos índios Guayaki”,

pois apresentava inconformidade entre seu sexo e o papel que desempenhava na sociedade. Com um corpo do sexo masculino, mas exercendo o papel de coleta e utilizando-se de símbolos associados ao feminino para os Guayakis, o antropólogo fez uma leitura de Krembegi como sendo um homem, para a expectativa europeia e um homem pederasta, por não as cumprir. Entretanto, executando um papel designado ao feminino pelos indígenas paraguaios, não havia ali, necessariamente, uma figura masculina. Assim como ocorreu entre os Guayakis e Pierre, houve também o embate de diferentes epistemologias de gênero e como deveriam ser exercidos seus papéis entre as mais de 300 etnias indígenas que havia no território brasileiro e o colonizador português, que impôs sua visão na terra recém colonizada.

É notório portanto, que o processo de colonização deixou marcas perceptíveis e profundas em todo tecido social envolvido, seja colonizado, tendo suas experiências de gênero substituídas com violência simbólica e física, ou colonizador, expandindo sua cultura para outros continentes e repassando valores fundamentados e essenciais para um sistema econômico em crescimento. O processo de formação e construção de gênero no Brasil é baseado no gênero exportado pela Europa do século XVI e subjugo de outras experiências que vão de encontro a ela, repetindo esse dinamismo até a contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FERNANDES, Danusa de Andrade. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. *Revista Estudos Feministas*, [s. l.], 24 set. 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p691>. Disponível em: <https://www.scielo.br/fj/ref/a/TgpBQ9JHwvj7VfvHJPgxnYP/?lang=pt>. Acesso em: 1 nov. 2022.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourse*. [S. l.: s. n.], 1997.

FEDERICI, Sílvia. *CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA*. [S. l.: s. n.], 2004.

CLASTRES, Pierre. *Crônica dos índios Guayaki*. [S. l.: s. n.], 1972.

STOLLER, Robert. *Sex and Gender: The Development of Masculinity and Femininity*. [S. l.: s. n.], 1968.

RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*. [S. l.: s. n.], 1934.

BUTLER, Judith. *Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. *Caderno de Leituras*, [s. l.], 2018. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 27 nov. 2022.

GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. [S. l.: s. n.], 1971.

DR. BERINJELA EXPLICA

LIGAÇÃO CÉREBRO-INTESTINO: POR QUE O INTESTINO É CONSIDERADO NOSSO SEGUNDO CÉREBRO?

Luna Rombesso Barbosa, Victoria Schuina Santiago e Priscila Bono

Pagliuca Rodrigues | Evolução Centro Educacional

lunarombesso2016@gmail.com;

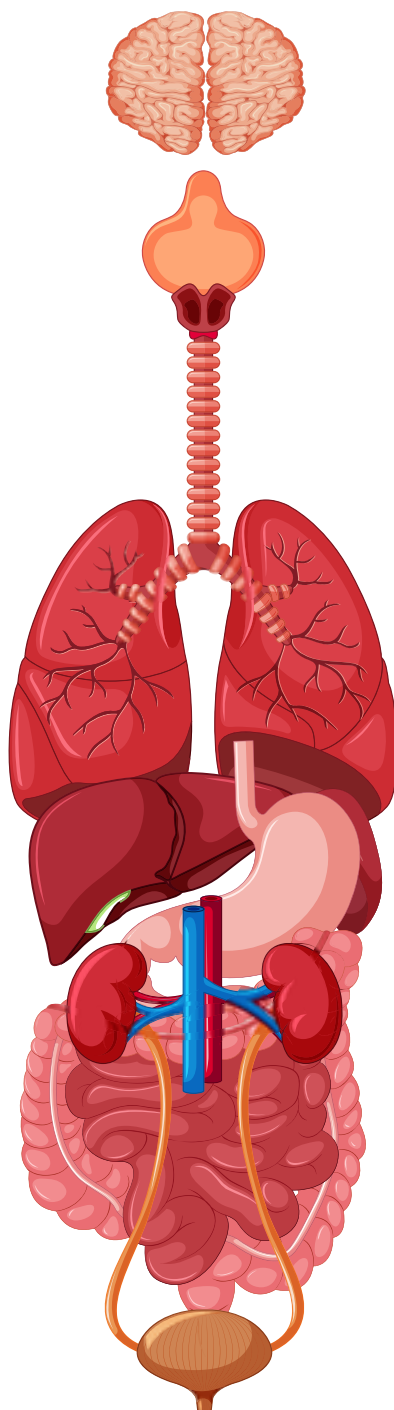
victoriaschuinasantiago@gmail.com;

priscilabonoprof@gmail.com

INTRODUÇÃO

A relação entre o cérebro e o intestino é um assunto pertinente e de grande importância para a compreensão da saúde humana. Pesquisas recentes têm mostrado que existe uma ligação íntima entre esses dois órgãos, conhecida como o eixo cérebro-intestino. Este eixo é capaz de regular diversas funções do corpo, incluindo a digestão, o humor e o sistema imunológico. O ramo da medicina mostra que a saúde do intestino afeta de forma linear a sanidade do cérebro, e vice-versa. Por exemplo, desequilíbrios na microbiota intestinal podem levar a problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade. Além disso, o estresse crônico pode afetar negativamente a saúde do intestino, levando a problemas como inflamação e síndrome do intestino irritable (SILVA et al., 2017).

Visto que, o intestino humano abriga um complexo e diversificado sistema de microrganismos mutualistas, constituído por bactérias, fungos, vírus, archaea e protozoários. Este rico ecossistema contribui para muitas funções fisiológicas: fermentação de componentes dietéticos não digeríveis, síntese de vitaminas, defesas contra patógenos, maturação do sistema



imunológico do hospedeiro e manutenção da função da barreira intestinal (AGUS et al., 2021).

Logo, a relação entre o cérebro e o intestino é realizada por uma rede complexa de neurônios, hormônios e moléculas sinalizadoras, incluindo o nervo vago, que é um dos doze pares cranianos e conecta o intestino e o cérebro. Esse pequeno cérebro que há no intestino é chamado pelos cientistas de Sistema Nervoso Entérico (SNE), possuindo mais neurônios que em toda coluna dorsal. O SNE é responsável por regular nossas funções digestivas, imunológicas, hormonais e metabólicas. Esta rede permite que os dois órgãos se comuniquem e influenciem um ao outro de várias maneiras (BARAKAT, 2023).

Quando estamos estressados, nosso cérebro libera hormônios que podem afetar a motilidade intestinal e alterar a composição da microbiota, pois é no intestino que ocorre a produção de 90% da serotonina (neurotransmissor que atua no cérebro, estabelecendo comunicação entre células nervosas), comumente conhecida como “hormônio da felicidade”, sendo produzida a partir do aminoácido

do triptófano, obtido através dos alimentos. De modo que, quando liberada no organismo, possui a função de: regular o sono, humor, as vias sensoriais do corpo e controlar a sensação de saciedade (CASTRO, 2021).

Um intestino que não funciona corretamente deixa não apenas de nutrir o organismo, mas também de produzir de maneira adequada a serotonina. Portanto, este quadro, aliado a uma predisposição genética e um ambiente favorável, pode desencadear doenças como depressão e ansiedade. Além disso, a microbiota intestinal é um elemento chave na manutenção da saúde do trato gastrointestinal, da cognição, mente e da imunidade (BARAKAT, 2023).

Neste artigo, abordamos a relação entre o cérebro e o intestino, examinando como essa conexão funciona e como ela pode ser influenciada por fatores como dieta, estresse e doenças. Logo, discutiremos quais são os tipos de reações que a desregulação intestinal provoca, as implicações dessas descobertas para a prevenção e o tratamento dos obstáculos relacionados ao eixo cérebro-intestino.

INFLAMAÇÃO INTESTINAL CRÔNICA

Quando se fala sobre inflamação, o indivíduo geralmente relaciona com alguma lesão ou infecção em parte específica do corpo, que, no geral, apresenta inchaço, vermelhidão e dor. Mas, na verdade, ele pode ocorrer no organismo de forma imperceptível.

É preciso compreender que um processo inflamatório agudo libera citocinas. É algo natural. Mas quando há algo causando uma inflamação no corpo constantemente e por muito tempo, elas seguem sendo liberadas. De forma silenciosa, mantém a estrutura física em estado de alerta e inflamação crônica subclínica (BARAKAT, 2020).

As citocinas são substâncias ne-

cessárias para a resposta inflamatória, favorecendo a cicatrização apropriada da ferida. No entanto, a produção exagerada de citocinas pró-inflamatórias pode manifestar-se sistemicamente com instabilidade hemodinâmica ou distúrbios metabólicos (ISSY et al., 2011).

Em processos inflamatórios, as citocinas são reconhecidas por neurônios, de modo a estimularem as reações, contudo, quando o assunto é inflamação crônica do organismo, há um órgão muito importante que costuma ser o primeiro a se inflamar, já que lida diariamente, com diversos agentes potencialmente tóxicos, sendo nossa principal barreira depois da pele contra o mundo exterior, o intestino (BIZARRO, 2020).

A inflamação intestinal é inerente a um estado persistente de inflamação de baixo grau no organismo. Pode se desenvolver através de diversos fatores, dentre eles: má alimentação (consumo de alimentos ultraprocessados e açúcares de maneira excessiva), disbiose intestinal, sedentarismo, obesidade (fator de risco, visto que, o tecido adiposo em excesso libera a citocina), tabagismo (cigarros possuem componentes tóxicos), consumo excessivo de álcool (que leva a produção de moléculas inflamatórias), deficiência de vitamina D, ciclo circadiano desregulado e o estresse oxidativo (BARAKAT, 2023).

O processo de inflamação intestinal crônica acarreta diversos sintomas, eles podem se expressar de forma variada e mudam de organismo para organismo, alguns exemplos são: inchaço, flatulência, diarreia, alergias, psoríase, acne, cólica, sensibilidade/intolerância alimentar, dificuldade de concentração, asma, dor de cabeça, dor nas articulações, ansiedade, depressão, problemas no sistema imunológico, fadiga crônica, azia, constipação, perda de memória, Síndrome do intestino irritável, deficiência nutricional e

Erupções cutâneas (BARAKAT, 2023).

O revestimento intestinal é incrivelmente importante para o intestino e a saúde em geral, entretanto, quando ele se torna permeável, grandes partículas de alimentos, micróbios e toxinas passam do intestino para a corrente sanguínea, o qual pode aumentar o risco da inflamação crônica, inflamação intestinal, desequilíbrio da microbiota e outros problemas crônicos de saúde (BARAKAT, 2023).

Estudos de Harvard concluíram que, mais de 80% das doenças são causadas por processos inflamatórios” (FUMAN et al., 2023).

Estudos científicos têm demonstrado associações entre a inflamação crônica intestinal e essas doenças, sugerindo que a inflamação crônica pode desempenhar um papel significativo no desenvolvimento dessas condições, tais quais, serão abordadas a seguir.

Embora aumentos intermitentes na inflamação sejam críticos para a sobrevivência durante lesão física e infecção, pesquisas recentes revelaram que certos fatores sociais, ambientais e de estilo de vida podem promover inflamação crônica sistêmica que, por sua vez, pode levar a várias doenças que coletivamente representam as principais causas de incapacidade e mortalidade em todo o mundo, como doenças cardiovasculares, câncer, diabetes mellitus, doença renal crônica, doença hepática gordurosa não alcoólica e distúrbios autoimunes e neurodegenerativos” (FUMAN et al., 2019).

Consequências da inflamação crônica

As inflamações crônicas desencadeiam consequências negativas para a saúde, tais como (BARAKAT, 2023):

Danos aos tecidos: a inflamação crônica tende a desenvolver danos progressivos nos tecidos

do corpo. A resposta inflamatória contínua acarreta a destruição e cicatrização inadequada dos tecidos, comprometendo sua função e levando a complicações a longo prazo.

Desequilíbrio do sistema imunológico: A inflamação crônica leva a alterações no sistema imunológico, resultando em uma resposta imune enfraquecida ou hiperativa, ocasionando doenças autoimunes.

Aumento do estresse oxidativo: A inflamação crônica associa-se ao elevado nível de estresse no organismo. De modo que, pode levar a danos celulares, envelhecimento precoce e aumento do risco de doenças crônicas, tais quais: doenças cardiovasculares, câncer e doenças neurodegenerativas.

Disfunção metabólica: A inflamação crônica interfere no metabolismo do organismo alterando os níveis de glicose, lipídios e hormônios. Portanto, há o desenvolvimento de resistência à insulina, ganho de peso, desregulação do apetite, aumento do risco de obesidade, diabetes tipo 2 e síndrome metabólica.

Alterações neurocognitivas: A inflamação crônica gera efeitos negativos no cérebro e no sistema nervoso, gerando o declínio cognitivo, o que compromete a função cerebral aumentando o risco de doenças neurodegenerativas e distúrbios do humor, como depressão e ansiedade.

Contribuição para o câncer: A inflamação crônica tende a criar um ambiente favorável ao desenvolvimento e progressão do câncer. Estimulando a proliferação celular de maneira descontrolada, o que promove a formação de novos vasos sanguíneos, a fim de suprir o tumor e dificultar a resposta imune contra células cancerígenas.

Contudo, a inflamação é uma mão de via dupla. Assim como os problemas acima podem ser uma consequência, também podem ser a causa da inflamação.

A FORMA QUE INFLUENCIA O CÉREBRO

A sensação de “frio na barriga” quando nos preparamos para fazer uma apresentação, úlceras estomacais induzidas por estresse, alimentação emocional, tudo isso fornece pistas de que o cérebro e o intestino estão conectados. Por isso, quando se pensa em mudança de vida, é importante considerar, também, a integração entre o primeiro e o segundo cérebro (SALLET, 2022).

Atualmente, sabe-se que o eixo intestino-cérebro é uma rede de comunicação bidirecional entre o intestino e o cérebro. Essa rede envolve uma variedade de vias, incluindo o sistema nervoso parassimpático (nervo vago), o sistema imune, o sistema neuroendócrino e o sistema circulatório. A rede de células nervosas que revestem o trato digestivo é composta por 100 milhões de células. É uma rede tão extensa que passou a ser chamada de “segundo cérebro”, a qual, de modo técnico, é conhecida como sistema nervoso entérico (SOUZEDO, 2020).

Além do grande volume de neurônios, nosso segundo cérebro (intestino) tem ainda mais semelhança com o cérebro em nossas cabeças. A massa de tecido neural em nosso intestino produz mais de 30 neurotransmissores diferentes, que são moléculas sinalizadoras tipicamente associadas ao cérebro. Isso inclui a produção e o armazenamento de serotonina, o neurotransmissor conhecido como o “produto químico da felicidade”, devido ao seu papel na regulação do humor e do bem-estar (SALLET, 2022).

A composição da microbiota intestinal de pessoas com depressão parece diferir da microbiota de indivíduos saudáveis, apresentando menor diversidade na microbiota intestinal, bem como maiores níveis de marcadores inflamatórios. Pacientes com Síndrome do Intestino Irritável (SII) e outras doenças inflamatórias do

trato gastrointestinal costumam ter ansiedade e depressão como comorbidades, possivelmente por desregulação no metabolismo do triptofano (SOUZEDO, 2020).

De modo que, torna-se evidente que a microbiota intestinal pode influenciar o funcionamento do eixo intestino-cérebro e alterar funções cerebrais e até mesmo o comportamento, sendo capaz de influenciar circuitos neurais e comportamentos associados com uma resposta estressora, e patologias como a depressão e ansiedade.

MODULAÇÃO ATRAVÉS DA ALIMENTAÇÃO

Segundo Barakat (2023), cuidar do estilo de vida e ter bons hábitos alimentares são ações que contribuem para uma relação ainda mais harmônica entre intestino e cérebro, um eixo fundamental na melhoria da qualidade de vida.

Atentar-se aos fatores que podem levar a quadros como sedentarismo, má alimentação, disruptores endócrinos e estresse e buscar ter hábitos saudáveis é essencial para o eixo intestino-cérebro, de modo a tratar diversos problemas intestinais. É imprescindível uma transformação de padrões internos, evitando o domínio de tais consequências (BARAKAT, 2023).

Optar por uma alimentação saudável e natural com a ingestão de boas gorduras, vegetais, frutas, legumes e carnes, evitando ultraprocessados, gorduras hidrogenadas e óleos vegetais, previnem diversas consequências inflamatórias (ROGERS, 2023).

Boa parte dos alimentos ultraprocessados levam glúten: pães, bolachas, bolos, macarrão, pizza, cerveja, entre outros, que pode estar presente também em embutidos, conservas e até produtos congelados, como almôndegas, batata frita e hambúrgueres. Isso porque o glúten é muito utilizado para dar “liga” aos alimentos e isso acarreta diversos problemas (VIEIRA, 2022).

O intestino possui uma barreira chamada proteínas de junções apertadas (tight junctions) que servem para fechar os espaços entre as células intestinais (garantindo que o intestino seja impermeável, deixando apenas que pequenas moléculas transpassem para a corrente sanguínea, os nutrientes que são ingeridos (CHRISTOFOLETTI, 2022).

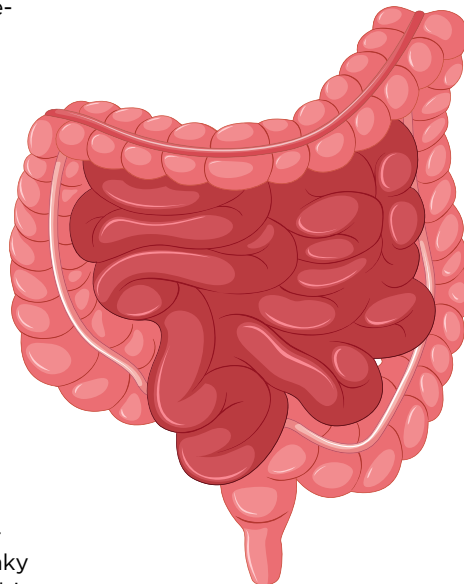
O glúten possui uma proteína chamada gliadina, que em excesso, pode prejudicar a saúde intestinal. Isso porque a gliadina estimula a liberação de zonulina, uma substância que oferece proteção para o organismo em casos como: ingerir comida contaminada com salmonela. A zonulina irá reconhecer a bactéria infiltrada no organismo e desencadeará uma diarreia para se livrar dos inimigos. Quando eles se vão, os níveis de zonulina caem e as junções se fecham novamente (BARAKAT, 2023).

Porém, o glúten pode desencadear a liberação de zonulina elevada e fazer com que ela propicie uma “abertura” na barreira intestinal (aumentando a permeabilidade intestinal), ocasionando vazamento - no caso a Síndrome Leaky Gut. Devido a essa permeabilidade, acionamos o sistema imune de forma exacerbada que acaba por atacar o próprio organismo (doenças autoimunes) (BARAKAT, 2023).

No entanto, isso se aplica também, a pessoas que sofrem com gases, diarreias, constipação, estufamento, problemas intestinais (Chron, retocolite e SII). Logo, se beneficiam tanto com a redução ou eliminação do consumo de glúten em suas rotinas alimentares, de modo que, a retirada desse componente da alimentação, retornará o intestino ao seu estado sadio e evitará irritações direcionadas ao intestino e as variadas consequências advindas de inflamações crônicas (SANTANA et al., 2022).

Outra substância extremamente prejudicial ao organismo, é o açúcar, altamente calórico, sem nenhum valor nutricional, inflama o corpo, proporciona uma resistência insulínica, prejudica a pele, aumenta o risco de depressão entre variados malefícios. No entanto, alimentos inflamatórios em excesso podem ocasionar inflamação crônica e gerar sérios problemas de saúde (BARAKAT, 2023).

Diversos estudos mostraram



que uma dieta rica em açúcar adicionado leva à obesidade, resistência à insulina, aumento da permeabilidade intestinal e inflamação de baixo grau. Ao abrir portas ao consumo de açúcar abrirá portas a esses malefícios, inerentes a uma breve sensação de bem-estar, sobretudo viciante (RODRIGUES, 2023).

A ingestão excessiva de açúcar causa várias alterações no organismo, isso porque, o corpo reage à presença do açúcar no sangue e acaba desenvolvendo reações inflamatórias que acarretam mudanças prejudiciais à saúde, dentre elas: inflamação das artérias e veias, aumentan-

do o risco de varizes, de infarto e de derrame; baixo desempenho sexual, prejudicando o fluxo sanguíneo, aumentando o risco de disfunção erétil nos homens e alterando o pH vaginal nas mulheres; e dor e prejuízo às articulações. As citocinas inflamatórias liberadas pelo açúcar na corrente sanguínea aumentam as dores e agravam a artrite; prejudica os rins, afetando o fluxo sanguíneo, ele atrapalha os rins de fazer sua filtragem, sendo a diabetes uma das principais causas da insuficiência renal; e desencadeia um envelhecimento precoce. A reação das proteínas com o açúcar no sangue favorece o envelhecimento precoce na pele (BARAKAT, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que, no eixo intestino-cérebro, há, de fato, uma relação influenciável de ambos os lados que pode resultar em inflamações crônicas. Contudo, as inflamações crônicas possuem um importante papel no desenvolvimento de variadas doenças, acarretando desconforto intestinal, visto que, um intestino que não funciona bem, não deixa apenas de nutrir o organismo, mas também de produzir a serotonina, tal qual se faz presente em maior abundância no intestino.

Outro fator essencial é a microbiota intestinal, um desequilíbrio dessa microbiota pode causar uma desregulação imunológica, levando à inflamação, distúrbios autoimunes e a um sistema imunológico debilitado.

É importante reconhecer os elevados fatores de risco desencadeados pela inflamação crônica e adotar medidas para reduzir seu impacto. Adotar um estilo de vida saudável, incluindo a cessação do tabagismo, moderação no consumo de álcool, alimentação balanceada, prática regular de exercícios, gerenciamento do

estresse, garantir uma boa qualidade de sono e buscar um equilíbrio na saúde intestinal, podem ajudar a prevenir ou reduzir a inflamação crônica e promover uma melhor qualidade de vida. É imprescindível visar que, cuidar do intestino envolve não apenas uma alimentação saudável, mas também hábitos saudáveis.

Intestino saudável é sinônimo de corpo nutrido (BARAKAT, 2022).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGUS, Alison. Gut microbiota-derived metabolites as central regulators in metabolic disorders. 2021. BMJ. Acesso em: 01 de set. 2023

AMARAL, Ana Paula Santos D. Influências do eixo intestino-cérebro no transtorno do espectro autista. 2021. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Acesso em: 22 de ago. 2023

BARAKAT, Mohamed. Como usar a dieta para desinflamar. 2022. Jornal Metrópoles. Acesso em: 19 de ago. 2023.

BARAKAT, Mohamed. Como o açúcar inflama o organismo. 2021. Instituto Barakat de medicina integrativa. Disponível em: <https://www.drbarakat.com.br/como-o-acucar-inflama-o-organismo/>. Acesso em: 03 de ago. 2023.

BARAKAT, Mohamed. Compreenda a conexão do intestino com o cérebro. 2020. Instituto Barakat de medicina integrativa. Disponível em: <https://www.drbarakat.com.br/compreenda-a-conexao-do-intestino-com-o-cerebro/>. Acesso em: 05 de ago. 2023.

BIZARRO, Lisiane; SOUZEDO, Flávia Bellesia. O eixo intestino-cérebro e sintomas depressivos: uma revisão sistemática dos ensaios clínicos randomizados com probióticos. 2020. Jornal brasileiro de psiquiatria. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000285>. Acesso em: 17 de ago. 2023.

CASTRO, Michele Lacerda. A influência da alimentação na microbiota e a relação com distúrbios como ansiedade e depressão. 2021. Universidade Federal de Pelotas. Acesso em: 19 de ago. 2023.

CHRISTOFOLETTI, Giulia Stephanie Fernandes; PAIVA, Nayara Lorrane do Carmo; PINHEIRO, Guilherme Junio; FERREIRA, Túlio César. O microbioma intestinal e a interconexão com os neurotransmissores associados à ansiedade e depressão. 2022. Centro Universitário ICESP. Acesso em: 07 de ago. 2023

COSTA, José Mateus de Almeida; SILVA, Stephanie Oliveira; LEITE, Tailana Santana Alves. Eixo intestino-cérebro e sua interferência no transtorno depressivo. 2020. Universidade Estadual do Maranhão. Acesso em: 21 de ago. 2023.

FONSECA, Emily Neiva D; PIEDADE, Ana Beatriz Tavares; SILVA, Maria Claudia D. O estudo do eixo intestino-cérebro e sua influência em doenças neurodegenerativas. 2022. Centro Universitário de Brasília. Acesso em: 20 de ago. 2023.

FUMAN, David. et al. Inflamação crônica na etiologia das doenças. 2019. Nature medicine. Acesso em 01 de set. 2023.

ISSY, Adriana Machado; SAKATA, Rioko Kimiko. Citocinas e dor, 2011. Revista brasileira de anestesiologia. Disponível em: SciELO-Brasil-CitocinasedorCitocinasedor. Acesso em: 19 de ago. 2023.

MOURA, Alex Rodrigues; SANTANA, Raquel Matos De; TORRES, Felipe Augusto Do Prado. Doenças inflamatórias intestinais no Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe. 2011. Revista brasileira de coloproctologia. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbc/a/qyYsFtG69c7GWGcHTvfb4K/>. Acesso em: 22 de ago. 2023.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Como o açúcar inflama o organismo. 2023 Maria Fernanda medicina funcional. Disponível em: <https://dramariafernanda.com.br/blog/saude/como-o-acucar-inflama-o-organismo/>. Acesso em: 21 de ago. 2023.

ROGERS, Kristen. Ingestão excessiva de açúcar causa 45 efeitos negativos à saúde. 2023. Revista the BMJ. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/ingestao-excessiva-de-acucar-causa-45-efeitos-negativos-a-saude-aponta-estudo/>. Acesso em: 05 de ago. 2023.

SANTANA, Cláudia; CLAUDINO, Esther; FONSECA, Isabela. Eixo intestino-cérebro na síndrome do intestino irritável. 2022. Disponível em: TCC- Final.pdf Acesso em: 23 de ago. 2023.

SALLET, Instituto de Medicina. Por que o intestino é considerado o nosso segundo cérebro?. 2022. Acesso em: 01 de set. 2023.

SILVA, Ívina Albuquerque da; CABRAL, Pachiele da Silva; PADILHA, Maria do Rosário de Fátima; SHINOHARA, Neide Kazue Sakugawa. RELAÇÃO INTESTINO-CÉREBRO: DESEQUILÍBRIO DA MICROBIOTA INTESTINAL COMO PRECURSOR DE DOENÇAS GASTROINTESTINAIS E DOENÇAS NO SISTEMA NERVOSO CENTRAL (SNC). 2017. Acesso em: 01 de set. 2023.

SOUZEDO, Flavia Ballesia. O eixo intestino-cérebro e sintomas depressivos. 2020. Acesso em: 01 de set. 2023.

VEDOVATO, Kleber; TREVIZAN, Aline Rosa; ZUCOLOTO, Caroline Nonis; BERNARDI, Murilo Dorileo Leite. O eixo intestino-cérebro e o papel da serotonina. 2014. Arq. Ciênc. Saúde Unipar, Umuarama. Acesso em: 29 de jul. 2023.

VIEIRA, Thomas Raubach Hoffmann. Relação do eixo microbiota-intestino-cérebro nos sintomas de ansiedade e depressão com o consumo de fibras dietéticas. 2022. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Acesso em: 03 de ago. 2023.

